

*Este guia é destinado para todas e todos que desejem transformar realidades e recontar histórias*



Realização:

**GRUPO  
ADOLESCER**

Financiamento:

**wfd.**  
Weltfriedensdienst e.V.

GUIA DE INTERVENÇÃO POR UMA COMUNIDADE SEM VIOLÊNCIA - UMA CONVERSA SOBRE PROTAGONISMO JUVENIL PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

# GUIA DE INTERVENÇÃO POR UMA COMUNIDADE SEM VIOLÊNCIA

UMA CONVERSA SOBRE PROTAGONISMO JUVENIL  
PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL



**GRUPO  
ADOLESCER**





## Expediente

### Grupo AdoleScER – Saúde, Educação e Cidadania

Rua Alexandre de Gusmão, 170. Cordeiro.  
50630-640 - Recife/PE. Telefone: (81) 3227-4339  
www.adolesc.org.br

Realização do Grupo AdoleScER - Saúde, Educação e Cidadania, por meio do financiamento da organização Weltfriedensdienst e.V., com apoio do Bundesministerium für wirtschaftliche Entwicklung und Zusammenarbeit (BMZ) da Alemanha.

**Textos e edição:** Maria Arméle Dornelas (SRTE/PE 0225)

**Colaboração:** André Fidelis, Christina Schug e Daniela Araújo.

**Revisão textual:** Laboratório da Escrita

**Diagramação:** Oyá Estúdio Criativo

**Fotos:** Acervo Grupo AdoleScER - Saúde, Educação e Cidadania

**Tratamento das fotos:** André Fidelis, Christina Schug, Maria Arméle Dornelas e Oyá Estúdio Criativo.

*É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que a informação não se destine à venda ou a qualquer fim comercial. Os textos são de responsabilidade dos organizadores.*

Ficha catalográfica



<b>1. Introdução: Conhecer para transformar.....</b>	<b>5</b>
O Grupo AdoleScER: uma história de transformação social.....	5
O Projeto.....	6
A Educação entre Pares (EP) e o Tratamento Comunitário (TC).....	7
O Guia.....	8
<b>2. As metodologias e suas origens: a estrutura para as transformações.....</b>	<b>10</b>
Educação entre Pares (EP).....	10
Tratamento Comunitário (TC).....	13
Zona de Orientação Escolar (ZOE).....	16
O diálogo e a construção coletiva: TC, ZOE e EP.....	19
<b>3. Metodologias para construir transformações.....</b>	<b>22</b>
O SiDiEs.....	22
Campos de observação definidos pela metodologia.....	23
Como o SiDiEs foi introduzido nas práticas do Grupo AdoleScER?.....	24
O instrumento do SiDiEs.....	34
<b>4. Capacitação e intervenção: o conhecimento é transformador.....</b>	<b>36</b>
Formações com temáticas específicas.....	38
Formações autônomas.....	39
Como é a metodologia de construção das formações?.....	41
Atividades artísticas.....	42
A importância da formação de mediação de conflitos.....	44
O Cuidar do Ser.....	44
Conceitos, princípios, instrumentos e intervenções.....	45
Orientações para a elaboração de um plano de formação.....	50

# SU MÁRIO



# SUMÁRIO

<b>5. Projetos de Intervenção Social: construir impactos, transformar vidas.....</b>	<b>51</b>
Como é desenvolvido um projeto de intervenção social?.....	51
<b>6. Centro de Escuta: atenção e cuidado para transformar.....</b>	<b>56</b>
<b>7. Comunicação: visibilizar, sensibilizar, incidir e transformar.....</b>	<b>63</b>
Diálogo com a sociedade e com o poder público.....	64
Articulação com os processos pedagógicos.....	66
<b>8. Caminhar lado a lado: acompanhamento do projeto.....</b>	<b>69</b>
Monitoramento e avaliação do projeto.....	69
Boas práticas e lições aprendidas.....	72
Dinâmica de monitoramento e avaliação no GA.....	73
<b>9. Considerações.....</b>	<b>76</b>
<b>10. Glossário.....</b>	<b>77</b>
<b>11. Referências.....</b>	<b>81</b>



# 1

## Introdução: conhecer para transformar

### O Grupo AdoleScER: uma história de transformação social

No Brasil, há crianças, adolescentes e jovens que vivem em estado de insegurança, com baixas perspectivas e oportunidades que levem todos e todas para a construção de um projeto de vida e um convívio familiar afetivo e sem violações de direitos. O futuro deles e delas, muitas vezes, não chega nem à idade adulta. A CPI sobre assassinatos<sup>1</sup> de jovens diz que no Brasil acontecem 56 mil homicídios dolosos por ano. Essa realidade apresenta especificidades: 53% dessas vítimas são pessoas jovens; destas, 77% são negros/as (93% do sexo masculino). Percebe-se que o homicídio doloso é a principal causa de mortes de jovens no País, principalmente negros e pobres. A violência no Brasil, portanto, tem raça e classe social.

Essa realidade ocorre, sobretudo, em comunidades com situações de vulnerabilidade social, baixo acesso à educação, precárias condições de saúde e com violências praticadas nas suas mais diversas formas. A origem dessas problemáticas vem, em sua maior parte, do tráfico de drogas e da negligência do Estado, que não dá o amparo necessário com políticas públicas.

Para atuar nessas realidades, resgatando, protegendo e promovendo a proteção dos direitos das crianças e dos/as adolescente por meio do protagonismo infanto-juvenil, no ano 2000 foi fun-

dado o Grupo AdoleScER – Saúde, Educação e Cidadania (GA) no Recife-PE. O GA alcança quatro comunidades em situações de risco da cidade — **Caranguejo/Tabaiaras, Roda de Fogo, Santo Amaro e Santa Luzia** —, onde atua promovendo atividades formativas para o empoderamento de crianças, adolescentes e jovens e ativando pessoas para solucionar problemáticas da juventude e seu entorno.

A atuação do GA é fundamental para a formação humana e cidadã. Nele são trabalhados temas pertinentes à realidade das comunidades atendidas, como cultura de paz, meio ambiente, saúde e igualdade de direitos. O desenvolvimento dessas temáticas também contribui para a melhoria da qualidade de vida comunitária e para a construção de oportunidades para o alcance de uma vida adulta mais digna. Sua perspectiva foge do assistencialismo e busca politizar a juventude para que seja geradora e multiplicadora do conhecimento. O AdoleScER, portanto, enxerga a criança e o/a adolescente como potenciais agentes para transformar as dinâmicas sociais de sua realidade.

Além disso, o círculo que o GA cria não se limita a formar a juventude só em temáticas relacionadas a Saúde, Educação e Cidadania, mas prepará-la para multiplicar o aprendizado para outros/as jovens, em uma linha conhecida como **Educação entre Pares\***. Essa perspectiva faz com que o aprendizado seja horizontalizado, permitindo

<sup>1</sup>Esses dados correspondem ao ano de 2012. Fonte: Relatório Final: CPI Assassinato de Jovens/2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>>. Acesso em: 18 set. 2017.

\*As palavras em destaque estão no Glossário



uma construção coletiva de conhecimento mais justa. É o/a adolescente multiplicando informação para outro/a adolescente. Nesse sentido, a empatia é inerente aos grupos, já que todos vivem em um mesmo contexto social. É dessa forma que surge a formação de **Adolescentes Multiplicadores de Informação (AMIN)**, proporcionada pelo GA e que se encerra depois de um ciclo de 12 anos.

As formações continuaram a nortear a atuação do Grupo AdoleScER e contribuíram para a formação de sua identidade humana e política. A partir de 2013, o GA iniciou um novo ciclo com uma nova proposta, na qual os/as adolescentes e jovens passaram a ser identificados/as como **estudantes líderes de opinião**.

#### Missão do Grupo AdoleScER:

*Fortalecer o desenvolvimento comunitário e promover a formação humana de crianças, adolescentes e jovens através da educação entre pares.*

As multiplicações de informações e intervenções promovidas pelos/as líderes de opinião e **educadores/as sociais** do Grupo AdoleScER se tornaram um marco referencial da instituição. É nesses momentos que os/as adolescentes que passaram por um processo formativo constroem saberes a partir dos temas já elencados e se dispõem, por meio do lúdico e de atividades dinâmicas, a multiplicar a informação para outros/as adolescentes através da metodologia da Educação entre Pares e de sua junção ao **Tratamento Comunitário**.



## O Projeto

O Projeto **Desenvolvimento Comunitário e Redução da Violência Escolar Através do Protagonismo Infanto-juvenil e da Educação Social entre Pares** é o objeto de estudo ilustrativo desta sistematização. De 2013 a 2014, a proposta buscou o desenvolvimento sustentável e a redução da violência de áreas socialmente vulneráveis do Recife, que são as comunidades atendidas pelo Grupo AdoleScER, por meio da implementação de metodologias comunitárias e da formação de educadores/as pares sociais, capacitados/as

para essa intervenção. O Projeto foi financiado dentro de uma cooperação internacional entre o Brasil e a Alemanha, pela instituição Weltfriedensdienst e.V., com apoio do Bundesministerium für wirtschaftliche Entwicklung und Zusammenarbeit (BMZ).

Escolas públicas das comunidades foram identificadas e, em um efeito sinérgico, articuladas para serem parceiras no processo de construção de um espaço para a redução da violência. Houve uma sensibilização da comunidade e de membros da escola e a formação de grupos de estudantes líderes de opinião, de professores/as

e atores e atrizes sociais. Esses/as foram capacitados/as para realizar o reconhecimento de situações de **sofrimento social** e violências de todos os tipos para que houvessem transformações sociais em sua realidade.

Na última fase do Projeto, buscou-se que seus processos de orientação escolar e metodologia comunitária acontecessem de forma independente, autossustentável e em rede, necessitando apenas de monitoramento e supervisão do Grupo AdoleScER.

## A Educação entre Pares (EP) e o Tratamento Comunitário (TC)

No processo de formação de adolescentes para que se tornem estudantes líderes de opinião, são abordadas temáticas que dialogam com sua realidade e cotidiano. Assim, temas como cultura de Paz, saúde sexual, prevenção da violência e do uso abusivo de drogas, cuidado com o meio ambiente, perspectivas profissionais e igualdade de gênero, raça e orientação sexual são passados por meio de formações para os/as adolescentes. A partir desses processos formativos, há a construção de ações para **multiplicação de conhecimentos**, através da metodologia da Educação entre Pares.

Os/as jovens passam a multiplicar, de forma dinâmica e lúdica, o aprendizado na sua comunidade e escola, criando um efeito a longo prazo de empoderamento da juventude e ativação das pessoas para construir ações sociais nas comunidades, considerando a participação dos agentes protagonistas na proposta de estabelecimento de uma cultura de paz: a população.

No AdoleScER, há a união entre a Educação entre Pares e o Tratamento Comunitário, já que o



alcance não se restringe à realidade individual dos/as jovens, mas abrange todo o seu contexto comunitário e escolar. Um processo interno é garantido a partir da construção de possibilidades para que as comunidades possam resolver as problemáticas de suas realidades.

Essa linha abordada pelo GA faz a interseção entre a construção de conhecimentos e sua difusão ao trabalho do estímulo às relações afetivas que se aproximem de uma cultura de paz. Em um âmbito no qual a violência é cotidiana, trabalhar a afetividade, o carinho e o respeito serve para quebrar a naturalização dessa mesma violência. A afetividade aparece como instrumento de resistência e empoderamento para que os/as jovens se percebam enquanto agentes de transformação social da sua realidade.

## O Guia

### *O que você encontrará neste guia?*

Esta publicação é um guia explicativo que faz parte da conclusão do Projeto **Desenvolvimento Comunitário e Redução da Violência Escolar Através do Protagonismo Infanto-juvenil e da Educação Social entre Pares**. Ela reúne e explica, a partir de processos e exemplos de atividades realizadas, metodologias de transformações sociais usadas para que ocorram mudanças positivas na realidade das comunidades de atuação da organização. O Tratamento Comunitário, a Educação entre Pares e seu dispositivo, a **Zona de Orientação Escolar (ZOE)**, são aprofundadas no decorrer do documento, que deverá servir como base e exemplo para a aplicação dessas metodologias em outras experiências com jovens de comunidades em situações de vulnerabilidade social. O Guia, enfim, aparece para mostrar a maneira como o Grupo

AdoleScER utilizou essas metodologias educacionais para trabalhar a redução da violência comunitária e escolar a partir do protagonismo juvenil.

### *Para quem se destina o Guia?*

Escolas, organizações não governamentais do campo da educação popular e educadores/as populares, poder público, moradoras e moradores, especialmente a juventude, de comunidades em situação de vulnerabilidade social, universidades, financiadores da organização e todas e todos que se interessem pela temática.

### *Objetivo*

Ser um guia explicativo sobre a aplicação de metodologias de educação social e comunitária que sirva como base para o trabalho de outras organizações, educadores/as e as próprias comunidades para que aconteçam transformações sociais a partir do protagonismo juvenil.





# 2

## As metodologias e suas origens: a estrutura para as transformações

<sup>1</sup>Apresentação da EP feita com base na cartilha: Adolescentes e Jovens Para a Educação entre Pares (BRASIL, 2011).

*“A maneira de ajudar os outros é provar-lhes que eles são capazes de pensar.”*

Dom Hélder Câmara

A **Educação entre Pares (EP)** surgiu como metodologia-base e norteadora do Grupo AdoleScER (GA) desde a sua fundação. Para seu desenvolvimento na organização, hoje em dia, ela conta com a interseção do **Tratamento Comunitário** e do seu dispositivo, a **Zona de Orientação Escolar (ZOE)**. Ao longo deste capítulo, serão abordadas as metodologias utilizadas pelo GA, assim como a importância de cada uma para se desenvolver qualquer trabalho que busque transformações sociais.

### Educação entre Pares (EP)

**Palavras-chave:** de igual para igual, formação, sensibilização, horizontalidade, formação coletiva.

A Educação entre Pares (EP)<sup>1</sup>, termo vindo do inglês *peer education*, é um processo de ensino e aprendizagem no qual jovens, adolescentes e crianças atuam como facilitadores/as das ações e atividades para outros/as adolescentes, crian-

*Educação entre Pares é o ensino de criança para criança, de adolescente para adolescente e de jovem para jovem vindos/as de um mesmo contexto social, usando a mesma linguagem sobre conhecimentos das mesmas histórias e no mesmo meio ambiente.*

ças e jovens, que geralmente passaram por vulnerabilidades parecidas em um mesmo contexto social. Ou seja, são iguais falando para iguais. Nessa metodologia, há o empoderamento coletivo, já que quem ensina, além de repassar o conhecimento, também aprende nesse processo. Todos/as atores/atrizes envolvidos/as se encontram em um círculo de aprendizado contínuo. Na EP, os facilitadores e as facilitadoras não estão em um patamar maior, não há hierarquias nem domínios de poder, presentes, por exemplo, em modelos de educação tradicional. Por virem, geralmente, da mesma comunidade, do mesmo grupo social e da mesma faixa etária, a linguagem de todas e todos é semelhante. Ou seja: o formador ou a formadora não é a pessoa que sabe tudo, mas sim aquela que conduz processos coletivos para a construção de novos conhe-

cimentos e saberes por meio de questionamentos, reflexões e discussões.

Por passarem pelas mesmas vulnerabilidades do grupo trabalhado, os educadores e as educadoras pares sociais compreendem quais abordagens podem aproximar o público, quais os termos e exemplos que facilitam a compreensão, qual a melhor linguagem a ser utilizada e quais as maiores necessidades presentes no contexto em que estão desenvolvendo as ações. Mas é preciso empenho do educador e da educadora que não somente vir da mesma realidade. É importante que tenham ouvidos e percepções atentos para identificar as linguagens não orais e que pratiquem o respeito, se livrem de julgamentos e aceitem as diferenças para que também pos-

sam passar esses valores para seus grupos e, ao mesmo tempo, estejam abertos/as para aprender com a diversidade das mentes com que irão se deparar, desconstruindo as **representações sociais**<sup>2</sup> negativas.

No Grupo AdoleScER, é preciso, também, que eles e elas passem por um processo de formação político e social, abordando diversos temas relacionados a saúde, educação e cidadania. Nesse sentido, qualquer adolescente, criança e jovem pode vir a ser um/uma Educador ou Educadora Par.

A EP, afinal, vem para transformar, de maneira estrutural, problemáticas da sociedade que, muitas vezes, são agravadas nas comunidades em situação de vulnerabilidade. Internalizar os valo-

<sup>2</sup>O conceito de representação social será visto detalhadamente no capítulo 3, que trata do Sistema de Diagnóstico Estratégico (SiDiEs).



res de justiça, respeito e igualdade torna-se fundamental nesse processo e faz o caminho para a aprendizagem mais estruturante.

As ações e atividades propostas nesse processo educacional variam, podendo ser oficinas, grupos de estudo, rodas de diálogo, eventos educativos, feiras, apresentações culturais, intervenções nas comunidades e escolas, filmes, materiais didáticos, apropriação de metodologias, debates, enfim, tudo quanto a liberdade imaginativa da juventude é capaz de oferecer.

As temáticas dessas estratégias de ações estão sempre alinhadas com a realidade, o cotidiano, as vivências e as necessidades dos/as jovens inseridos/as no processo de formação. Elas podem abordar os campos de saúde, sexualidade, meio ambiente, cultura de paz, perspectivas de vida, igualdade de gênero, respeito às religiões, diversidade sexual, enfrentamento ao racismo, políticas públicas, direitos humanos, etc. As atividades acontecem, principalmente, na comunidade e na escola, mas não se limitam a esses espaços, podendo ganhar âmbitos maiores, como a ocupação de ruas e espaços públicos para o aprendizado.

A promoção das atividades relacionadas à Educação entre Pares pode contar, também, com o apoio e o suporte de organizações da sociedade civil, órgãos públicos, instituições de ensino e das redes internas das próprias comunidades que se mostrem interessadas e atuantes para contribuir com essa educação transformadora.

O esquema a seguir orienta como o educador e a educadora podem facilitar o aprendizado entre seus pares de maneira que se alinha ao que o Grupo AdoleScER prioriza como valores essenciais no desenvolvimento do trabalho educativo:



#### Protagonismo juvenil

Assim como as demandas chegam pela juventude, as ações para a transformação também partem dela. Ou seja, é o protagonismo juvenil e a participação popular que atuam em todas as esferas de desenvolvimento da organização por meio da Educação entre Pares. Os/as jovens são a nova geração, os pássaros que veem e sabem tudo. Eles e elas estão ligados/as em tudo o que acontece na comunidade, e como ainda estão em um processo de formação e desenvolvimento, acabam formando a si mesmos/as, seus amigos e suas amigas, familiares, a comunidades escolar e tudo ao seu entorno.

#### A Educação entre Pares no GA

Desde seu surgimento, no ano 2000, o Grupo AdoleScER trabalha com a Educação entre Pares no desenvolvimento do trabalho institucional. Nesse início, o processo formativo era dedicado aos/às jovens e seus espaços escolares. As formações de **Adolescentes Multiplicadores/as de Informações (AMIN)** aconteciam de três em três anos, no intuito de lhes fornecer conhecimentos e aprendizados que pudessem melhorar sua qualidade de vida e propiciar oportunidades futuras. Ao longo dos processos, a EP foi integrada e dialoga com as metodologias do Tratamento Comunitário e de seu dispositivo, a Zona de Orientação Escolar (ZOE), o que lhe garante um uso inovador. A partir da interação das metodologias, o termo AMIN passa a ter um sentido mais político e agora esses estudantes são chamados no GA de **líderes de opinião**, um termo adaptado do Tratamento Comunitário. Essa terminologia faz sentido para a Educação entre Pares quando está articulada ao Tratamento Comunitário.

#### Exemplo de como a Educação entre Pares é base para as ações no GA

*Estudantes líderes de opinião receberam formações sobre sexualidade e métodos contraceptivos. Após estudos e debates, puderam fazer ações na escola, com materiais explicativos, para abordar com seus/as colegas, de perfis parecidos com os deles/as, o conteúdo, repassando o conhecimento, permitindo que o aprendizado seja feito de forma coletiva e de igual para igual. Para essa formação, percebe-se que a problemática do sexo inseguro era constante entre a juventude, assim, viu-se a necessidade de debater essa temática na escola.*

A Educação entre Pares no AdoleScER é promovida em todos os seus âmbitos: desde a identificação dos grupos de estudantes líderes de opinião, até os processos formativos e que buscam a autonomia dessas lideranças e sua formação enquanto educadores e educadoras pares. Sempre se busca colocar o/a jovem dialogando, aprendendo e construindo com outro/a jovem. Além disso, a própria criação de metodologias para as formações, ações e estratégias se baseia nos princípios da Educação entre Pares e se sustenta no decorrer do trabalho desenvolvido.

#### Tratamento Comunitário (TC)

**Palavras-chaves:** comunidade, escuta ativa, sofrimento social, estratégias sociais, redes.

#### Qual sua origem?

Segundo um dos principais autores sobre o Tratamento Comunitário, Efreim Milanese, essa metodologia se desenvolveu a partir das experiências de organizações da sociedade civil e universidades da América Latina para a construção de estratégias e formas para entender o fenômeno das drogas, em uma proposta para articular a reabilitação e a prevenção. O decorrer dessas articulações trouxe novas perspectivas sobre o tratamento do uso das drogas, introduzindo a questão da redução de danos e do envolvimento da comunidade para o tratamento de usuários e usuárias. Esses processos tinham marcos em comum de pesquisa, pensamentos, conhecimentos, alianças e incidências políticas que originaram o modelo ECO2, que dá base para ao nascimento do TC (MILANESE, 2012)

No que tange aos conceitos para a intervenção em situações de vulnerabilidade social, Milanese



também coloca que a construção do TC precisou dialogar com contribuições da Sociologia, Antropologia, Psicologia comunitária e social, teoria psicanalítica e fenomenologia. Além disso, tem por base três elementos fundamentais como processo de construção social: a articulação em redes, a desconstrução das representações sociais e a ativação de pessoas (MILANESE, 2012).

### O que se entende por Tratamento Comunitário (TC)?

Ainda segundo Milanese (2012), trabalhar os diversos elementos que formam comunidades em um contexto de grave exclusão e sofrimento social é a essência do TC. Essa é uma metodologia que agrega um conjunto de ações, instrumentos, práticas e conceitos, considerando os/as diversos/as atores/atrizes sociais, em uma proposta inclusiva que coloca a comunidade como elemento fundamental nesse processo de ativação dos/as indivíduos/as e grupos. A finalidade do TC é a melhoria da qualidade de vida e o empoderamento pessoal e político de pessoas em situação de exclusão, assim como de suas comunidades, contribuindo para a transformação social. Dessa forma, torna-se essencial a **escuta ativa**, ou seja, os/as agentes que implementam a metodologia precisam estar atentos/as para as situações das comunidades e seus moradores e moradoras. Precisam perceber as ligações entre os fatos e saber identificar situações de sofrimento social para agir em qualquer âmbito que possa prejudicar a evolução das melhorias da qualidade de vida.

Milanese (2012) diz que as estratégias para o processo do TC são feitas com a comunidade, na comunidade e para a comunidade. Entende-se que a comunidade já existe e que não se pode impor um conhecimento sem diálogo com o seu cotidiano para promover as melhorias das con-

dições de vida. A construção do conhecimento para essas melhorias acontecerem deve ser feita de forma coletiva e respeitosa, levando em consideração as formas e o modo de vida, a história, os conflitos, a educação popular e as pessoas.

Esses fatores tornam o TC uma metodologia por si só empoderadora, ou seja, a transformação social promovida por ele não acontece apenas no final de seu processo, mas desde o início e continua de forma constante.

Para o processo do TC existir e caminhar para sua finalidade, é preciso considerar as alianças e parcerias com redes (organizações/instituições públicas e privadas), o protagonismo local e regional, a articulação entre atores da sociedade civil e governamentais e a desconstrução das representações sociais.

Dessa forma, fica entendido que o TC não age em fatores de forma isolada, mas busca manter o diálogo entre os diversos atores e atrizes sociais e as instâncias ao seu redor, além de refletir e questionar para desconstruir imagens sociais historicamente marginalizadas e que sustentam a maioria das violências encontradas nas comunidades.

### Tratamento Comunitário no GA

Na organização, o TC sai da perspectiva do tratamento de usuários/as de drogas e chega para tratar comunidades e ambientes escolares em situações de violência: busca-se a redução da violência comunitária e escolar. O que não significa que a questão das drogas é deixada de lado. Na verdade, ela se integra a outras temáticas que são trabalhadas para a redução da violência como um todo. O trabalho é voltado para adolescentes e jovens (e todo seu entorno) que convivem com questões relacionadas à violência, manifestada

nas suas mais diversas formas, em quatro comunidades com graves vulnerabilidades sociais da cidade do Recife.

Por meio dos/as estudantes líderes de opinião, da escuta ativa, dos Centros de Escuta, da identificação de redes e do uso de instrumentos, como o Sistema de Diagnóstico Estratégico (SiDiEs), as estratégias e ações propostas pelo TC acontecem junto aos/às jovens e seus familiares. As parcerias e redes são formadas a partir da realidade do público beneficiário. Assim, apareceram nessa perspectiva: a comunidade escolar, lide-

ranças das comunidades, postos de saúde, organizações comunitárias entre outros.

Com a participação social da juventude, há inclusão de suas comunidades no processo de diagnóstico e tratamento dos problemas sociais da comunidade. Se as teorias do TC dizem que suas estratégias são feitas com a comunidade, na comunidade e para a comunidade, pode-se dizer que os/as adolescentes são os/as principais atores e atrizes de todo o processo no desenvolver das atividades da organização.



<sup>3</sup>Disponível em: <<http://corporacionviviendo.org/zonas-de-orientacion-escolar-zoe-2/>>. Acesso em: 18 set. 2017. Tradução nossa.

### Exemplo de como o Tratamento Comunitário é base para as ações no GA

Uma iniciativa importante desenvolvida pelo GA foi uma **ação de vinculação** tratando o preconceito contra usuários e usuárias de drogas nas comunidades e escolas. A ação de vinculação se chamou “Não aponte o dedo”, com o objetivo de refletir com a comunidade e a escola sobre o julgamento dos/as usuário/as de drogas. Foi percebido que muitas vezes essas pessoas são discriminados/as nas comunidades e, assim, excluídas. Dessa maneira, não há uma estrutura de ajuda para sair do vício das drogas, o que faz com que eles/as usem cada vez mais, se envolvendo também no tráfico e criando um ciclo vicioso. Com essa ação, as pessoas foram chamadas e sensibilizadas a refletirem sobre essa problemática e, em vez de julgar, ajudar os/as usuários/as de drogas. Os/as adolescentes caminharam pelas ruas das comunidades e na escola, sensibilizando as pessoas sobre o perigo do julgamento. Quem concordou que o julgamento dos/as usuários/as de drogas é algo que não contribui para que eles/as saiam dessa condição teve a unha do dedo indicador pintada de vermelho para lembrar de não discriminar os outros. Nesse momento, o dedo apontado serviu como um símbolo. Porque, como diz a sabedoria popular, “quando você aponta um dedo para outra pessoa, três dedos apontam para você mesmo”.

“Essa ação foi muito simples e permitiu que as pessoas refletissem sobre o seu comportamento. Ela é fácil de repetir também com outros temas, como a questão do lixo e do meio ambiente, que é uma grande problemática em Roda de Fogo. Por isso, também repetimos a ação aqui com este tema.”  
Fala da educadora Renata Melo.

No desenvolvimento de ações e atividades, existem muitos exemplos a serem citados nos quais são identificados o TC dentro do GA, como o abordado a seguir.

### Zona de Orientação Escolar (ZOE)

**Palavras-chaves:** comunidade escolar, mitigação, prevenção, formação, proteção.

“A Zona de Orientação Escolar (ZOE) é um espaço relacional e físico onde se estabelecem serviços de ações e acolhidas, escuta ativa, acompanhamento, atenção, assistência, terapia, formação e capacitação orientados aos membros da escola com o propósito de reduzir a exclusão social e problemas escolares, melhorar a qualidade de vida dos atores que os integram e prevenir situações de vulnerabilidade social.”<sup>3</sup>

A Zona de Orientação Escolar (ZOE) é um dispositivo criado a partir da metodologia do Tratamento Comunitário (TC) que diagnostica problemas na escola, por meio da escuta ativa, da acolhida, do acompanhamento, da assistência, da atenção e da elaboração de **projetos de intervenção social**, com o intuito de fortalecer a comunidade educativa e suas redes, além de propor processos para redução da violência.

Ela vem para prevenir os riscos de exclusão social de pessoas em situação de vulnerabilidade, trabalhando também a prevenção de danos nas suas famílias e comunidades, objetivando, enfim, a melhoria da qualidade de vida de grupos socialmente excluídos.

#### Objetivos da ZOE

- Prevenção.
- Inclusão social.
- Redução de danos.

#### Quem pode fazer parte da ZOE

- Redes de serviço.
- Comunidade do entorno da escola.
- Professores e professoras.
- Estudantes.
- Funcionários/as em geral da escola.
- Igrejas.
- ONGs.
- Conselhos, etc.

#### A ZOE no GA

A ZOE se tornou um dispositivo fundamental para o AdoleScER, visto que os conflitos nas escolas são constantes e marcam a história dos/as adolescentes, dos/as jovens e de suas comunidades. Formações com professores, professoras, alunos e alunas sobre esse mecanismo, que busca melhorar as relações escolares, fazem parte das atividades propostas. Aqui, deixa-se o protagonismo para os/as educadores/as e as lideranças adolescentes no intuito de propiciar momentos que os/as empoderem nesse sentido. Além das formações específicas sobre a temática da ZOE, também é possibilitado um conjunto de atividades que se alinham com a sua proposta no GA, que está presente na identificação de líderes, no fortalecimento da EP para a resolução de conflitos, no auxílio ao SiDiEs para entender a dinâmica da escola e dos/das estudantes, na formação política em temas sociais, entre outros. Essas atividades citadas serão melhor detalhadas no decorrer deste Guia.

No seu desenvolvimento, a ZOE integra os diversos atores e atrizes pertencentes à comunidade escolar (professores/as, funcionários/as, diretores/as, alunos/as), as redes institucionais e a comunidade que cerca o centro educacional. Ela é dotada de cerca de sete fases no decorrer de sua implementação. São elas:

#### 1) Informação e sensibilização

Diálogos iniciais são estabelecidos com a gestão escolar a fim de abordar a proposta da ZOE e seu potencial para redução da violência. Posteriormente, educadores/as do Grupo AdoleScER passam a frequentar a escola mais incisivamente a fim de compreender a dinâmica escolar — como os/as estudantes se comportam no recreio, quais os/as professores/as e funcionários/as que a escola possui, como se dá sua organização, etc.





O último passo desta primeira etapa é criar estratégias para que os/as estudantes saibam que será desenvolvido um conjunto de ações na escola para redução da violência cujos principais protagonistas serão eles e elas.

### 2) Identificação e consolidação da rede operativa

Uma pesquisa é feita com um grande número de estudantes da escola. O objetivo é que eles e elas identifiquem quem tem potencial de liderança para se tornar um estudante líder de opinião e participar das formações proporcionadas pelo GA.

Segue o exemplo de como é estabelecida esta dinâmica.

*O educador ou a educadora do GA pergunta ao/à aluno/a A: “Qual estudante tem o potencial de influenciar outros/as estudantes?”. O/a aluno/a A indica a estudante B. Os/as educadores/as do Grupo fazem a mesma pergunta ao/à estudante B, que indica o/a Estudante C ou pode indicar a si próprio/a ou outro/a que já tenha aparecido na lista. Ao final, o/a educador/a deverá observar e somar quais estudantes tiveram o maior número de votos e serão os/as primeiros 15 da lista a serem chamados/as para os primeiros diálogos referentes ao processo de redução da violência no ambiente escolar que será construído.*

### 3) Diagnóstico escolar

Estes/as estudantes identificados serão instigados /as e formados/as para promover o SiDiEs, com o qual irão captar dados que se farão importantes nesses primeiros passos do projeto na escola. O SiDiEs sistematiza informações das redes presentes na escola, as representações sociais existentes, quais os principais temas que geram sofrimento social, qual a história da comunidade e banco de talentos dos estudantes. Esse processo é feito de forma interligada sem necessitar que

um dado seja colhido após o outro, mas simultaneamente, em instrumentos desenvolvidos pela própria instituição. Esse instrumento será mais aprofundado em capítulos posteriores.

### 4) Consolidação das redes de serviços comunitários e de estudantes líderes de opinião

Simultaneamente ao processo de compilação de dados promovido pelo SiDiEs, os/as estudantes líderes de opinião passam a ser formados/as no contra turno da escola nas sedes comunitárias do Grupo AdoleScER. É quando inicia o processo de discernimento político que contribuirá com a articulação dos dados do SiDiEs. Como ferramenta que aguça o protagonismo desses/as adolescentes líderes, a compilação de dados do SiDiEs é feita de forma dinâmica e participativa, a partir da promoção de ações de vinculação. Ao longo do tempo, com o processo de formação, as ações, que se tornam mais sistemáticas na escola, o empoderamento dos/as adolescentes e o conhecimento por parte de toda a comunidade escolar do projeto começam a ficar mais eficazes e a obter resultados mais significativos, como a apropriação do espaço escolar por parte de todos/as os/as estudantes como bem comum e que precisa ser cuidado.

### 5) Implementação da ZOE

Ocorre quando os/as estudantes líderes de opinião passam a ativar outros/as estudantes para resolverem problemas geradores de sofrimento social na escola e a promoverem ações autonomamente articuladas em redes. Isso significa que a ZOE está implementada dentro do ambiente escolar para a redução da violência.

### 6) Sistematização da experiência

Todas as informações que foram coletadas e realimentadas no SiDiEs servem de base para o de-

envolvimento das ações do projeto. As propostas de intervenção não surgem de observações empíricas, mas a partir de dados concretos que alicerçam o trabalho interventivo. E tudo isso é devidamente registrado e revertido nos processos de trabalho.

### 7) Evolução, ajustes e sustentabilidade da experiência

Consiste em trabalhar a autonomia dos/as estudantes líderes de opinião que passam pelo processo de formação, instigando cada um/uma para que possa identificar problemas e organizar estratégias a fim de reduzir a violência. Esse procedimento garante a continuidade do processo, mesmo sem a participação direta do Grupo AdoleScER. Para isso, são oportunizados diversos momentos nos quais os/as estudantes líderes de opinião precisam atuar sozinhos/as, sem a assessoria pedagógica da instituição. Eles e elas identificam o tema gerador de sofrimento social, se organizam, debatem sobre eles e intervêm.

*Como a ZOE é um dispositivo do Tratamento Comunitário, elementos abordados neste item serão especificados e aprofundados nos próximos capítulos, especialmente o capítulo 3, que aborda o SiDiEs, um instrumento chave para o Tratamento Comunitário.*

## O diálogo e a construção coletiva: TC, ZOE e EP

Os três conceitos vistos anteriormente se unem dentro das dinâmicas institucionais. A EP se sustenta e se incrementa a partir do TC e do seu dispositivo, a ZOE. Para chegar a essa formulação atual, o GA passou por processos de reflexão con-

tínuos. A seguir, há uma explanação mais detalhada de como se constituem o diálogo e a construção coletiva no GA.

A partir de um planejamento estratégico, o Grupo percebeu a necessidade de aprofundar sua atuação nas comunidades onde está com a utilização de metodologias reconhecidamente eficazes para o fortalecimento da autonomia e do protagonismo das pessoas.

Em 2012, o GA conheceu a metodologia do TC, por meio de parceiros e financiadores, e a adaptou para sua atuação. Paralelo a isso, começou a perceber de forma mais real que as comunidades precisavam, também, de uma atuação mais incisiva, orgânica e participativa, pois estão inseridas dentro de um contexto de exclusão social, e isso também interfere no desenvolvimento da juventude. O GA passou, assim, a ter um novo olhar e novas ações, dialogando a EP com o TC.

Desde então, ampliaram-se as perspectivas de ações, e o Grupo passou a focar tanto no indivíduo como em sua comunidade de maneira igualitária, com as mesmas prioridades. Também foi inserida a ZOE, dispositivo do TC, o que veio a fortalecer ainda mais as ações desenvolvidas, mantendo a base e os princípios da EP de **multiplicação de conhecimentos**<sup>4</sup> de igual para igual.

Se antes o foco maior recaía sobre as formações, a partir de 2013 o GA começou a investir em multiplicações de conhecimentos, ações de vinculação e intervenções diretamente no âmbito da escola e comunidade. O foco passou a ser, além da formação de grupo de adolescentes, a transformação nas escolas e comunidades via o protagonismo dos/as adolescentes para que melhorem a sua situação de vida, como também de sua comunidade na construção da cultura de paz. Para acompanhar esses processos, também

<sup>4</sup>Esse conceito será melhor desenvolvido no capítulo 4.

foram melhor organizados os processos de monitoramento, sistematização e avaliação alinhados à metodologia e ao estabelecimento de rotinas. Também foi acionado outro dispositivo para a comunidade — os Centros de Escuta, nos quais há a recepção para as problemáticas locais e seu tratamento. Além disso, com apoio da ZOE, passaram a existir atividades mais frequentes e estruturantes nas escolas, como **visitas de aproximação escolar** para criar laços com a gestão da escola e ações de vinculação no intuito de ampliar os valores do AdoleScER para toda a escola.

Com a adoção das metodologias do TC e seu dispositivo, a ZOE, para integrarem e agregarem a EP, o GA iniciou um novo ciclo. A adaptação do TC para a realidade e as necessidades da comunidade é feita de forma mais estratégica. Se em uma comunidade há a identificação de problemas com o meio ambiente, há formações com os jovens sobre essa temática que, em decorrência desses momentos, além de multiplicarem o conhecimento, criam e executam ações para a melhoria dessa questão em suas comunidades. Por meio de multiplicações de informação, ações e estratégias, eles e elas levam o conhecimento para vizinhos e vizinhas, colegas de escola e famílias.

Nesse sentido, a formação dos/das estudantes líderes de opinião é o que dá subsídios para que contribuam para a transformação de sua realidade. A juventude passa a ser vista como protagonista e começa a pensar a reivindicação de seus direitos e a se perceber enquanto cidadãos e cidadãs. Há também uma integração e vinculação mais ativa com o ambiente escolar, atuando em todas as frentes que cercam a juventude: sua escola e sua família.

A atuação política mais incisiva leva a uma mudança, ao que se refere a nomeação da juventude do Grupo AdoleScER. Em vez de AMIN, eles e

elas passaram a ser chamados de estudantes líderes de opinião. A ideia que vinha com o AMIN, de multiplicar a informação, permaneceu. No entanto, ela veio de forma mais articulada ao processo metodológico e político que está inserido ao TC e suas etapas de intervenção social, com o intuito de alcançar as estruturas tanto na escola como na comunidade.

A inovação do Grupo AdoleScER encontra-se justamente na habilidade em conciliar a EP, o TC e a ZOE em uma perspectiva que prioriza a escuta sobre as demandas escolares e comunitárias a partir dos/as estudantes líderes de opinião.

### Revisando: Grupo AdoleScER por uma comunidade sem violência

*O Tratamento Comunitário foi criado para tratar pessoas usuárias de drogas em comunidades com situações de vulnerabilidade social. Esse trabalho é guiado por profissionais que ajudam o/a usuário/a a responder às drogas por meio da redução de danos. Assim, esses profissionais atuam como educadores/as pares nas comunidades. Já no AdoleScER, a metodologia foi adaptada para adolescentes e com a perspectiva do tratamento de violências.*

*É assim que os/as adolescentes passam por um processo de formação humana que os/as capacita para trabalharem a questão do sofrimento social em sua comunidade e escola. A partir disso, esses/as jovens, aqui chamados/as estudantes líderes de opinião, começam a tratar o ambiente escolar e comunitário com métodos sugeridos na metodologia do TC, como as ações de vinculação e os Projetos de Intervenção Social por meio da EP.*

*Uma linha dessas intervenções é a ZOE, que segue a intervenção do TC no âmbito micro da escola, organizando a intervenção nela pelos/as adolescentes. A outra linha é a intervenção na comunidade, que usa os mesmos métodos utilizados no ambiente escolar.*

*Percebe-se o sentido dessa adaptação no âmbito de trabalho do AdoleScER ao se analisar a realidade violenta e prejudicial associada à formação da juventude. Os impactos que aparecem com esse trabalho apontam para a redução da violência e para novas formas de o/a jovem se relacionar com seus/suas vizinhos/as e colegas de escola, o que indica a construção de uma cultura de paz que desenha transformações e novas formas de se contar essas histórias.*





# 3 Metodologias para construir transformações

SiDiEs: o diagnóstico e a ação transformadora

**Palavras-chaves:** *minoria ativa, diagnóstico, representações sociais, redes, estratégias sociais.*

As ações proporcionadas pela metodologia da **Educação entre Pares (EP)** e do **Tratamento Comunitário (TC)** — o que inclui seu dispositivo, a **Zona de Orientação Escolar (ZOE)** — são construídas a partir de uma ferramenta, própria do TC, que funciona como fonte de junção e análise de dados. Essa fonte é conhecida como **Sistema de Diagnóstico Estratégico (SiDiEs)** por, justamente, trabalhar como um diagnóstico para as ações. No decorrer deste capítulo, esse sistema será aprofundado.

## O SiDiEs

O SiDiEs é um sistema de recopilação, sistematização, análise da informação e elaboração da estratégia. Constitui-se como um dos instrumentos-chave usados durante a execução das atividades e é o coração do TC e, portanto, da ZOE.

*O SiDiEs é como um movimento que encontra-se no mar, se manifesta nas ondas e nas correntes sem ser nem onda nem corrente, é a força do pensamento que constantemente busca relação entre o sentido e a ação. E tira constantemente força da frustração, do sem sentido, das contradições entre sentido e ação, e do prazer iluminado da coerência, da congruência e das alianças entre eles (MILANESE, 2012, p. 137).*

O SiDiEs é um instrumento que contém vários elementos de conhecimento da comunidade. Pode-se dizer que é um rico *diagnóstico de dados*. Esse diagnóstico faz referência a um conjunto de elementos, aspectos da vida e da realidade das pessoas nas comunidades, ou seja, é uma forma de interpretar a realidade.

O SiDiEs é uma ferramenta que deve ser objetiva, sem preconceitos e abrangente. Além disso, é importante que tenha diversas vozes, formais ou informais, que localize os atores e as atrizes e espaços importantes para a ação social e se baseie nos aspectos das comunidades e seus entornos. Essa é a base que guia toda intervenção no território.

Além da identificação e do diagnóstico dos problemas existentes nas comunidades que interferem na qualidade de vida e, conseqüentemente, agravam os casos de **sofrimento social**, esse processo também exige a identificação dos/as líderes e atores/atrizes das comunidades para atuarem nas problemáticas. É com ele que também se identificam redes potenciais para parcerias no desenvolvimento de atividades que tratam da comunidade e sua juventude.

Para preencher esse diagnóstico, não existe uma ordem correta, seu levantamento não precisa ser linear. Os processos podem ser circulares e devem ser repetidos e realimentados constantemente com a participação de representantes da comunidade. É importante começar sempre com a delimitação do território.

A partir dessa interpretação, ou diagnóstico, e da identificação de redes e parcerias, pode-se partir para a ação social. O SiDiEs dá o diagnóstico para a realização de um TC/ZOE que leve para uma transformação social mais profunda.

O SiDiEs oferece um conjunto de passos para que os/as **estudantes líderes de opinião** e os/as educadores/as das comunidades possam compilar diferentes dados. Com eles, são geradas reflexões com os/as jovens para que eles/as desenhem as estratégias mais adequadas para as ações, se co-

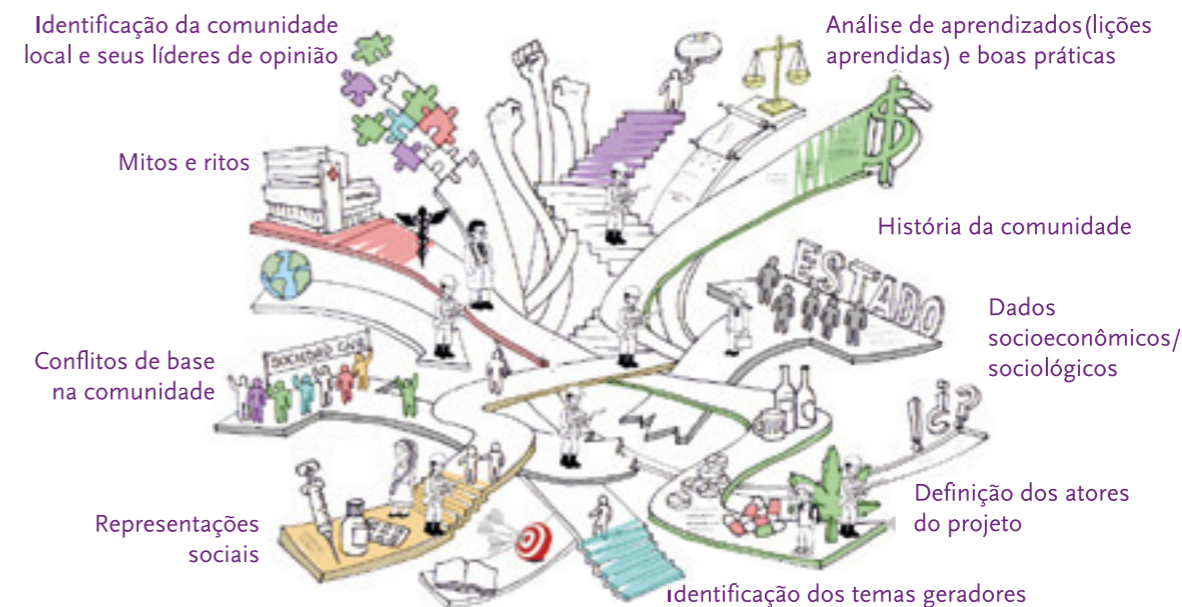
nheçam, estreitem seus laços e trabalhem para mudar os problemas de suas comunidades. Importante saber que todos esses métodos são feitos com o trabalho da escuta ativa.

*O objetivo do SiDiEs é construir conhecimento mediante um processo participativo que permita fazer um diagnóstico e articulação em rede (FERGUSSON, 2015).*

## Campos de observação definidos pela metodologia

### AÇÕES DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

#### CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE



(FERGUSSON, 2015)





A escolha por esses dois caminhos garante o olhar da própria juventude na identificação dos/as beneficiários/as (estudantes líderes de opinião) que participam da organização. Eles possibilitam um processo horizontal e participativo, sem hierarquias, legitimando o processo de escolha. É observado que por esses caminhos há a garantia de se executar com mais profundidade as metodologias abordadas no GA: EP, TC e ZOE.

A identificação da minoria ativa, outro conceito existente na metodologia do TC/ZOE e praticado pelo GA, é feita de forma paralela à identificação dos/das estudantes líderes de opinião, que também são considerados/as parte da minoria ativa (foi dado um destaque maior para os/as líderes neste guia por serem o público diretamente beneficiado pelo trabalho do GA).

Moscovici (apud MILANESE, 2012, p. 126) estuda os grupos minoritários para entender quais são os comportamentos ou estilos de trabalho destas minorias por meio dos quais elas conseguem ser socialmente influentes. Em sua busca, identifica as seguintes: 1) o esforço que representa o compromisso que a minoria manifesta em sua atividade; 2) a autonomia que ilustra a capacidade de ser independente em seus julgamentos e de atuar segundo critérios próprios; 3) a consistência que ilustra a capacidade de ser claro e coerente na mensagem, a todos os níveis (verbal e não verbal); 4) a rigidez (persistência) que ilustra a capacidade de resistir à pressão exterior para se conformar com a maioria; 5) a equidade que manifesta uma opção por ter presente a posição do outro e uma busca da reciprocidade e autenticidade.

No trabalho do GA, a minoria ativa é composta pela rede humana que circunda a vida das lideranças e a influencia: professores/as, diretores/as, funcionários/as das escolas, atores/atrizes sociais e familiares. Aqui, o conceito de minoria

ativa se estende também para o ambiente escolar, o que destaca o dispositivo do TC: a ZOE.

Para Paulo Freire, “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros” (FREIRE, 1996, p. 59). É seguindo essa lógica que, por meio das formações com os/as estudantes líderes de opinião e do trabalho em conjunto com a minoria ativa, o GA busca empoderar seu público beneficiário para que seja autônomo e protagonista das suas próprias transformações sociais, em sua comunidade e escola. Para tanto, é imprescindível o uso e a inspiração nas metodologias do TC, da ZOE e da EP, e o estabelecimento de diálogos entre elas. Como visto, foi esse diálogo que contribuiu e orientou a identificação dos grupos de líderes e da minoria ativa.

#### b) Dados socioeconômicos

Segundo Milanese (2012, p. 166), o mapa ecológico é um dos **elementos sociológicos** (isto é, de reflexão sobre aspectos sociais de uma comunidade local). Entre os instrumentos de representação da comunidade local, é um dos mais utilizados.

Seu êxito se baseia na sua extrema adaptabilidade, a facilidade com a qual pode expressar aquilo que os atores comunitários percebem, observam, conhecem e suas incertezas. Seu êxito depende também da reflexão científica na qual se fundamenta (MILANESE, op. cit.).

No AdoleScER, com o grupo de estudantes líderes de opinião formado, foi realizado um levantamento de dados socioeconômicos na comunidade para conhecer melhor a área da intervenção a partir da proposta da metodologia do TC.

Dados sociológicos:

- Por área ou bairro, território.
- Qualidade dos serviços.

- Média de idade.
- Escolaridade.
- Tipos de famílias e poder aquisitivo.
- Lugar de origem, procedência.
- Maneira de obter recurso.
- Distribuição mulheres-homens.
- Epidemiologia.

(FERGUSON, 2015)

Instrumento utilizado no GA

GRUPO ADOLeScER, SAÚDE, EDUCAÇÃO E CIDADANIA	
DADOS SOCIOECONÔMICOS DA COMUNIDADE DE XXXX PROJETO DE REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA INTRA E EXTRA ESCOLAR	
Nome do Entrevistado: _____	
Dados do Entrevistado:	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
Qual sua idade?	
Qual seu sexo?	
Quantas pessoas residem na sua casa?	
Qual a renda familiar? E quais as principais atividades econômicas da família?	
Possui alguma pessoa na sua família que está em idade escolar, mas não frequenta a escola?	
Existe alguma pessoa analfabeta na sua casa?	
Em qual tipo de moradia você reside? (Ex: barraco, casa de alvenaria, apartamento, etc.)	

#### c) História da comunidade

Milanese defende que, como as pessoas, as comunidades têm histórias, que contribuem para condicionar seu presente e seu futuro.

Conhecer estas histórias é importante: pode-se entender a origem das dificuldades, de como foram superadas, conhecer os recursos, pode-se entender quais são os processos de crise e resiliência, quais são os conflitos de fundo, os atores em jogo e qual jogo estão jogando (MILANESE, 2012, p. 162).

A construção da história da comunidade traz elementos importantes para o entendimento de conflitos e sofrimentos sociais. Além disso, ela ajuda na identificação dessas mesmas problemáticas, como surgiram e de qual forma o contexto histórico influenciou nos dias atuais. Apresentar a história da comunidade para adolescentes e crianças é um processo importante, pois a juventude não tem mais acesso a esse conhecimento. Na escola, por exemplo, não se aprende sobre o bairro, apenas sobre histórias bem distantes da realidade da própria juventude. É importante que a história não só seja contada entre os/as jovens, mas também repassada para os/as moradores/as do bairro. Esse processo é realizado a partir da pesquisa feita com os/as estudantes líderes de opinião e apresentada de forma lúdica na comunidade por meio de exposições de fotografias, vídeos, contação de histórias, etc.

#### d) História dos problemas identificados

Outro procedimento que faz parte do SidiEs consiste em mapear a história dos conflitos. Na nomenclatura proposta por Milanese, trata-se dos **conflitos de base na comunidade**. Na sua perspectiva,

um conflito é um processo em que dois atores estão em oposição mútua ou são incompatíveis. Dito de outra forma, um conflito é um processo de construção de incompatibilidades e oposições

recíprocas [...] Nas comunidades altamente vulneráveis e marginalizadas há uma espécie de dilema: por um lado, os conflitos e as situações de vulnerabilidade que vivem fazem pensar que é por milagre que seguem existindo, em realidade às vezes não se entende como podem seguir existindo, mas por outro continuam existindo. A dedução que pode ser feita é esta: isto significa que também nestas comunidades se organizaram mediações entre os interesses e posições, aceitando que alguns membros da comunidade paguem o preço. (MILANESE, 2012, p. 189).

O conflito, portanto, é a causa, o processo histórico que fez a violência surgir e ser sustentada, seja na escola, seja na comunidade. Aqui, o histórico dos problemas mais comuns está ligado ao tráfico de drogas, ao machismo e ao sexismo enraizados nas comunidades e à negligência do Estado.

No GA, em vez de se utilizar o termo *Conflitos de base na comunidade*, optou-se pela nomenclatura *História dos conflitos*, ou *História dos problemas identificados*, termos que, de acordo com o Grupo, se aproximam mais da realidade do contexto comunitário.



#### e) Mitos e ritos<sup>1</sup>

Mitos são histórias contadas sobre certos acontecimentos que não têm uma explicação, ou o significado original se perdeu. Rito é uma prática com certo significado, que com o tempo se tornou uma rotina. Ritos e mitos são, muitas vezes, a causa de preconceitos e representações sociais que levam a situações de violências e opressões. Dessa forma, é importante conhecê-los para que possam ser desconstruídos.

#### f) Análise de lições aprendidas e boas práticas<sup>2</sup>

É um processo constante de avaliação de todas as atividades realizadas. Uma boa prática é a ação ou atividade realizada que melhorou a situação encontrada e, conseqüentemente, pode ser repetida em outros momentos. Uma lição aprendida é alguma ação ou comportamento que foi encontrado, não deu certo e aprendeu-se como mudá-lo para que não se encontre o mesmo problema outras vezes. A análise e o entendimento sobre as lições aprendidas e as boas práticas guiam o caminho para o melhoramento constante das intervenções desenvolvidas.

#### g) Redes

São pessoas ou instituições na comunidade que podem ser mobilizadas e inseridas nos processos para contribuírem com a ação estratégica tirada a partir do SiDiEs. Elas são divididas de acordo com suas funções:

- **Rede de Líderes:** é o grupo com potencial para influenciar outras pessoas, discutindo problemas de base comunitária e fortalecendo o protagonismo infanto-juvenil.
- **Rede Subjetiva:** consiste no indivíduo e suas interconexões, pessoas que possuem relação umas com as outras de for-

ma negativa ou positiva ou que influencia um ou outro de alguma forma. Quais são seus amigos mais próximos? Mais distantes? Quais são aqueles de quem você tem medo ou para quem vocês contam tudo?

- **Redes de Recursos:** são pessoas, grupos de pessoas, instituições ou órgãos do governo que possuem habilidades ou recursos que podem ser acessados para contribuir com o trabalho desenvolvido, colaborando para a redução de problemas. São as várias possibilidades que podem ser ativadas (adicionadas) para contribuir com alguma atividade ou situação.

- **Rede Operativa:** diante de inúmeros tipos de redes, é necessário compreender que a Rede Operativa é aquela definida a partir da articulação de todas as redes, desenvolvendo o trabalho e fortalecendo o TC/ZOE.

#### h) Representações sociais

São crenças, ideias e visões que simplificam a realidade encontrada e nos fazem julgar a partir de estereótipos historicamente construídos.

Para Serge Moscovici, as **Representações Sociais** estabelecem a inter-relação entre sujeito e objeto. É a partir dela que acontece a construção do conhecimento, individual e coletivo, na formação das representações. E esse conhecimento é baseado no senso comum. São as representações que sustentam as relações sociais (MOSCOVICI, 1978).

Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais elaborada por Moscovici é uma teoria que pode ser abordada em termos de produto e em termos de processo, pois a representação é, ao mesmo tempo, o produto e o processo de

<sup>1</sup>Esse item não foi trabalhado com profundidade pelo AdoleScER. No entanto, a organização o considera importante e pretende se aprofundar nesse ponto no futuro.

<sup>2</sup>Este item será aprofundado no capítulo 8, que aborda a avaliação e o monitoramento.



uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real, confrontando e atribuindo uma significação específica (ABRIC, 1994, p. 188).



Sofrimentos sociais comuns encontrados nas comunidades de atuação do Grupo AdoleScER são ligados aos processos de racismo, do machismo e da gravidez precoce e sem amparo. São opressões e problemáticas que chegam e fazem um grande desgaste discriminatório entre os grupos.

#### j) Violência comunitária/escolar

São as práticas violentas mais comuns identificadas na comunidade e na escola, físicas ou psicológicas, de origem individual ou coletiva. Aqui, também estão a negação de direitos, inclusive, vinda da própria negligência do Estado. Os espancamentos, o *bullying*, os xingamentos e a falta de estrutura na escola para um ensino de qualidade são exemplos dessas violências.



#### k) Temas geradores

Segundo Milanese, a base para se encontrar um tema gerador é descobrir sobre “o que as pessoas falam?”. Ele é um item do SiDiEs com o qual se sistematiza e se aprofunda a construção do conhecimento em relação às necessidades, aos vazios e aos desafios da comunidade. Observa-se que “as pessoas falam em função da representação que elas têm de seu interlocutor, das expectativas de ambos e do conhecimento que eles têm” (MILANESE, 2012, p. 168). Por isso, considerando que os grupos de trabalho nas comunidades são “trabalhadores/as sociais”, as pessoas falam com eles/as sobre questões sociais.

Conceitualmente, os temas geradores foram divididos em dois grupos: os espontâneos (mencionados diretamente pelos atores comunitários) e os induzidos (sugeridos pelos membros da equipe) (MILANESE, 2012, p. 168).

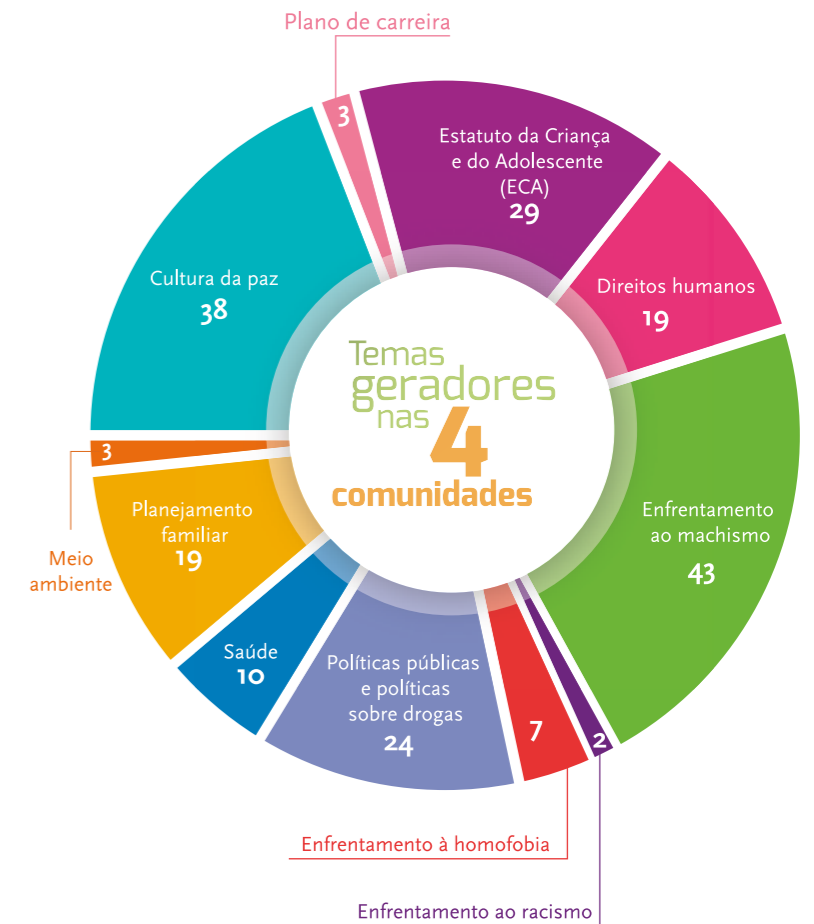
No contexto do GA, esses/as trabalhadores/as sociais são os/as educadores/as que atuam tanto na comunidade como na escola, realizando, junto com os/as estudantes líderes de opinião, ações específicas de identificação dos temas geradores. Para tanto, é necessária a escuta ativa, que também auxilia no processo de identificação desses temas.

Esses dados vão para os **diários de campo**, que também recebem a análise das realidades encontradas, o que cria um banco de dados que alimenta o SiDiEs com os temas geradores identificados tanto nas ações como nas avaliações feitas. Esse é um trabalho constante.

Os temas geradores, portanto, estão por todas as partes da sociedade, já que os conflitos existem com nós mesmos ou com outras pessoas. Esses temas contribuem para as escolhas das formações desenvolvidas com os/as estudantes

líderes de opinião e para o desenvolvimento de **ações de vinculação, multiplicações de conhecimento e projetos de intervenção.**

O gráfico a seguir exemplifica os temas geradores que foram mais recorrentes no trabalho do GA:



<sup>3</sup> Esse conceito voltará a aparecer no capítulo 6, que aborda os Centros de Escuta.

#### i) Sofrimento social<sup>3</sup>

Sofrimento social, para Milanese, é um processo que está relacionado à exclusão social.

Entre os temas de exclusão e do sofrimento social existem fortes interconexões e interpeleções, a ponto de se pensar que o segundo é consequência do primeiro, e que o sofrimento social dá visibilidade aos processos de exclusão. Quase que não pode haver sofrimento social sem que ocorra a exclusão social a produzi-lo (MILANESE, 2012, p. 291).

“Vimos que na escola existem muitas meninas grávidas. Assim, qual atividade podemos fazer para evitar essa situação? Neste caso, o tema gerador vindo do sofrimento social é sobre a gravidez precoce, que traz grandes responsabilidades em ser mãe jovem e, em muitos casos, essas meninas são abandonadas pelos pais. Existem vários problemas relacionados à gravidez na adolescência: desconhecimento ou negligência do uso dos métodos contraceptivos, abandono do pai, desprezo da família, violência doméstica, etc. Agora é preciso observar um detalhe importante: de um tema gerador, que tem relação com a gravidez na adolescência, surgiram outros temas geradores relacionados ao mesmo. Tudo isso precisa ser identificado em um processo de investigação e trabalho para minimizar ou erradicá-lo.

O tema gerador não se priva só no sofrimento da escola, mas também na comunidade, na família, até mesmo de você com você mesmo.”

Exemplo de temas geradores. Educadora Valquíria da Silva

### Diálogo entre os itens do SiDiEs no GA

Com o desenho dessas informações, é possível relacioná-las entre si. Por exemplo: comparando as violências comunitárias e escolares com as representações sociais, entendendo como uma sustenta a outra — como a reprodução do racismo contribui com a execução do *bullying* dentro do ambiente escolar e comunitário? Como a violência vinda do tráfico de drogas atinge a juventude?

A partir disso, são trabalhadas ações de intervenção com base nos temas geradores tirados dessa análise no intuito de diminuir essas problemáticas e impactar em toda a comunidade e na escola. Nesse processo de ligação de dados, também se percebem as redes formadas para auxiliar na construção dessas ações. Os elementos do SiDiEs dialogam entre si e trabalham em conjunto para a formação do diagnóstico e preparativo das ações.

Milaneze resume esse processo da seguinte forma:

- 1- Depois de identificar os/as estudantes líderes de opinião,
- 2- ter entendido como eles se relacionam em rede,
- 3- ter visualizado como eles desenham a sua comunidade (mapeamento como um todo),
- 4- como eles gradualmente identificam os recursos da comunidade (análise das boas práticas e fracassos),
- 5- quais são os fatos, as questões e os produtos relevantes de sua vida social (elementos sociológicos), etc.,
- 6- chegamos aos temas geradores vistos pelo lado das carências e dificuldades (mas não exclusivamente). Chegamos então no campo de descrição por parte dos atores na comunidade,

de suas dificuldades, daquilo que pode ser chamado de *o problema que busca resposta*. (MILANESE, 2012, p. 171).

As ações pensadas a partir do SiDiEs são diversas e estão em constante aprimoramento e reconstrução. É importante, também, pensá-las a partir da realidade de cada comunidade e escola, considerando também os recursos, o tempo, as pessoas envolvidas para contribuir (inclusive, as redes). No GA, por exemplo, os/as estudantes líderes de opinião foram estimulados/as a sempre estarem à frente dessas ações, que podem ser: multiplicações de informações, projetos de intervenção, formações, ações de vinculação dentre outras. Ao longo deste documento, cada uma dessas ações será detalhada. Por enquanto, fica disponibilizado um esquema para melhor entendimento desse processo:





## O instrumento do SiDiEs

A partir da reflexão sobre a utilidade e importância do SiDiEs dentro do Grupo AdoleScER, criou-se um formulário de preenchimento simples, subsidiado pelos DCs elaborados pelos/as educadores/as que vivenciam e articulam junto com os/as estudantes líderes de opinião ações de estratégia social nas suas comunidades e escolas. O formulário é composto por campos com itens para serem preenchidos que traçam o caminho para o levantamento de informações que possibilitam o diagnóstico. Esses campos são compostos pelos itens vistos anteriormente, como histórico de violência e temas geradores. Os elementos do formulário do SiDiEs estão incorporados aos DCs para facilitar o processo de sistematização.

Também foi implementado um processo para trabalhar de forma mais qualitativa os dados, fazendo um panorama dos problemas sociais por meio de gráficos. Esses dados subsidiarão estudos mais aprofundados para ações mais qualificadas dentro da organização, além de terem atuado como base para alguns processos pedagógicos. Muito do conteúdo analisado nesse processo foi usado nas formações e ações para a redução da violência comunitária e escolar. Exemplo: na construção do instrumento, percebeu-se que muitas violências eram motivadas pela questão de gênero, o que fez as educadoras e os educadores refletirem sobre a importância de se pensar mais ações e atividades estratégicas que abordassem essa problemática.

Anexo a esse capítulo, segue o modelo de SiDiEs usado por um longo tempo de execução do Projeto.

MODELO DE FORMULÁRIO DO SiDiEs		
INFORMAÇÃO SUBMINISTRADA PELO DIÁRIO DE CAMPO		5 Representações sociais identificadas
1 Nome da ação/atividade e comunidade		6 Identificação de violência comunitária/escolar
2 Boas práticas percebidas		
3 Lições apreendidas		7 História dos problemas identificados
4 Redes		8 Identificação dos temas geradores
Quais as redes identificadas?	Qual rede foi/pode ser mobilizada?	9 Identificação de casos

## Sobre o diário de campo (DC)

O DC é um instrumento que registra os acontecimentos de uma atividade, seja formação, ação ou multiplicação, de forma escrita. O narrador ou a narradora traz situações, falas, e até relatos de violências ocorridas. É importante que o relato não seja construído com julgamentos. Quem faz o DC não pode influenciar ou passar impressões precipitadas sobre os casos. No segundo momento do instrumento, colocam-se as percepções de maneira crítica do que foi vivenciado com o intuito da reflexão. Descreve-se a experiência com um olhar reflexivo, apontando falhas, sucessos, condutas, estimulando questionamentos sobre a atividade que possam ser úteis para ações futuras.

A partir do DC, tem-se elementos para serem preenchidos os formulários dos SiDiEs, como os temas geradores. Sua finalidade é subsidiar reflexões sobre a realidade, temáticas mais recorrentes, comportamentos e ações necessárias para as comunidades e escolas. É a partir do olhar sobre a vivência tida pelo/a educador/a da organização em relação a uma atividade que é possível desenvolver ações mais realísticas e que dialoguem com as necessidades.

## Dinâmica de acompanhamento e preenchimento dos SiDiEs no GA

No GA, são feitas reuniões quinzenais para o preenchimento e acompanhamento da construção dos elementos do SiDiEs. Nesses momentos, educadores/as refletem sobre o conteúdo abordado nos formulários. As anotações feitas ali são fruto de uma escuta ativa, encontrada nos DCs. O interessante na prática do AdoleScER é que os/as educadores/as, que estão juntos nessa reflexão, são parte do grupo beneficiário formado pela organização, o que significa a continuação constante dos princípios da EP.

Nos acompanhamentos, a partir das informações vindas com o SiDiEs, também é construído um banco de dados com o intuito de fornecer um panorama geral dos dados sociais e políticos das comunidades. Essa formatação é importante, pois serve como base para pensar estratégias e ações para a redução da violência comunitária e escolar.

Notou-se a importância dessas reuniões tanto para qualificar o preenchimento do SiDiEs, como para ser um momento de educação e aprendizado conjunto. Cada educador/a passa a refletir não somente sua realidade e seus dados, mas também na dos/as outro/as, qualificando seu processo e o deles/as. Percebe-se aqui, assim como em outros momentos, como a prática da construção do conhecimento coletivo é valorizada e importante dentro dos processos.

É a partir dessas reuniões que se pensam os temas estratégicos a serem abordados para a promoção da cultura de paz e para as transformações almejadas pelo TC, seu dispositivo ZOE, e a EP.



# 4

## Capacitação e intervenção: o conhecimento é transformador

**Palavras-chaves:** *formações, aprendizado, ações práticas, temáticas sociais, relações*

Como visto no capítulo anterior, com a junção do **Tratamento Comunitário** à **Educação entre Pares**, o Grupo AdoleScER pode proporcionar, por meio de seus/suas educadores/as e **estudantes líderes de opinião**, uma série de procedimentos formativos e de intervenções práticas. Essas ações, por sua vez, só são possíveis a partir da **escuta ativa**, ou seja, aqueles e aquelas que desenvolvem essas ações devem estar preparados/as para acumular demandas advindas da observação no momento em que se está na escola ou comunidade promovendo atividades para redução da violência.

É nesse sentido que as ações são planejadas e há o desdobramento dos outros campos de atuação das metodologias, inclusive no campo de formações e **multiplicações de conhecimentos** com o

TC, a ZOE e a EP. A escuta ativa e a construção do aprendizado são feitas não somente no início dos processos, mas no decorrer de todas as atividades, garantindo um ciclo constante de formações e trabalhos em cima das problemáticas tanto individuais como sociais identificadas.

### **Formação do grupo de estudantes líderes de opinião**

No GA, após a identificação dos/as estudantes líderes de opinião nas comunidades e escolas, formam-se grupos por comunidade de atuação: Caranguejo/Tabaiaras, Roda de Fogo, Santa Luzia e Santo Amaro. Esses grupos são compostos por, em média, 15 a 20 líderes em cada comunidade. É importante estabelecer um equilíbrio de gênero nessa concepção.

Esse fator é relevante para os processos formativos e os debates propostos por garantir um olhar com equidade. Inserir pelo menos 50% de meninas no projeto garante o fortalecimento das mulheres nas comunidades, que geralmente é o gênero mais discriminado e com mais oportunidades negadas.

### **Encontros regulares e as formações contínuas**

**Realizar uma capacitação de base:** O principal objetivo da realização da capacitação de base é produzir um marco comum de conceitos, conhecimentos, práticas e linguagens, onde devem ser definidas, com clareza, as necessidades de capacitação individuais do grupo e da rede operativa (MILANESE, 2012, p. 45).





Para garantir uma capacitação na base, os/as estudantes líderes de opinião, em grupos formados como visto no item anterior, passam a ter, no mínimo, três encontros por semana na perspectiva de receberem formações completas sobre temas sociais e humanos. No trabalho do GA, isso acontece nos seus centros juvenis, localizados em cada comunidade e também chamados de sedes comunitárias.

No AdoleScER, optou-se por ter um dia dedicado aos debates sobre temas sociais para promover o empoderamento político dos/as adolescentes. Essas capacitações são chamadas de **formações com temáticas específicas**. O segundo momento aborda o que se chama de **formação autônoma**, cuja função é fortalecer a autonomia e o protagonismo dos/das adolescentes, tanto no âmbito individual como coletivo; já o terceiro dia é destinado às **Atividades Artísticas**, que aparecem para garantir, principalmente, o estímulo à sensibilidade, criatividade e auxiliar nos outros processos formativos. Todos os temas são trazidos de maneira lúdica e considerando o contexto de vida dos/as jovens, o que auxilia a compreensão e estimula reflexões.

Essas atividades contribuem no processo de organização dos/das estudantes para serem redutores da violência no âmbito familiar, comunitário e escolar. Pode-se pensar: “como o teatro contribui para isso?”. Fica a pergunta provocadora que será elucidada mais para frente, pois com essas formações, há o caminho para alcançar os objetivos propostos tanto pelo TC, e seu o dispositivo (a ZOE), como pela EP. A seguir, detalha-se o funcionamento desses processos, inclusive, aprofundando os conceitos de cada formação vistos aqui e sua relação com as metodologias optadas pelo GA.

## Formações com temáticas específicas

As formações com temáticas específicas têm o objetivo de proporcionar espaços de reflexão, debates e aprofundamento de temas relacionados com as dinâmicas sociais e o cotidiano do grupo de estudantes líderes de opinião. Esses momentos são cruciais para que os/as adolescentes se empoderem sobre assuntos que interferem nas suas vidas, comunidades e escolas.

Um exemplo é a identificação da problemática da violência contra a mulher nas comunidades. O processo formativo passa a abordar a temática da igualdade de gênero, fazendo com que as/os adolescentes se empoderem sobre o tema e, a partir disso, desenvolvam ações na comunidade, o que contribui para a reflexão sobre os direitos das mulheres.

Os seguintes temas foram trabalhados no GA com a proposta de formar os/as adolescentes para atuarem como agentes de transformação nas suas comunidades: racismo, drogas, cultura de paz e **mediação de conflitos**, eleições, meio ambiente, sexualidade e gênero, sexualidade e planejamento familiar, projeto de vida, formação autônoma, passos do SiDiEs, tipos de violência, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), violência de gênero, enfrentamento ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes e movimento de luta pelos direitos das mulheres.

A relação entre teoria e prática deve ser sempre estabelecida. Na medida em que está se debatendo uma temática específica, entre as listadas acima, promover visitas a espaços que trabalham as construções sociais coletivas, como organizações da sociedade civil ou ONGs, é sempre saudável e necessário. Discutem-se na base os te-

mas sociais e paralelamente visitam-se espaços que têm relação próxima a este tema. Por exemplo: se os grupos estão no processo formativo referente a drogas, quais instituições na cidade têm mais proximidade com esse tema? Faz-se, então, uma visita a elas para aprofundar essa discussão.

Como culminâncias das formações, essas lideranças desenvolvem ações em suas escolas e comunidades, chamadas de **multiplicações de conhecimentos** e **ações de vinculação** para multiplicar as informações para seus pares.

### Indicativos para escolha dos temas das formações:

- A escuta ativa é estratégica nesse caso, pois consegue identificar problemáticas e questões que merecem atenção. No dia a dia nas comunidades e nas escolas, educadores/as podem fazer essa escuta e observar quais problemáticas são mais frequentes e que merecem ser aprofundadas e trabalhadas por meio das formações. Um dos temas mais observados pelos/as educadore/as, por exemplo, foi que havia várias falas de cunho sexista durante as atividades. Logo, o debate sobre sexualidade e gênero foi uma temática recorrente para essas formações.

- No mesmo sentido, por meio de ferramentas como o SiDiEs, é possível observar e diagnosticar questões que merecem entrar na pauta de temas para as formações. Percebeu-se, por exemplo, que nos formulários do SiDiEs havia a constante presença de problemas que envolviam uso abusivo de drogas. Assim, a temática do entendimento sobre a problemática das drogas entrou na pauta das formações. Os temas vindos desses instrumentos são chamados no GA de **Temas Geradores**. Com um mecanismo desenvolvido para sistematizar esses dados, pode-se ter um parâmetro dos temas que mais apareceram durante o percurso do projeto (ver o capítulo 3, que aborda o SiDiEs).

- Houve, também, a própria investigação teórica, por meio de consulta a pesquisas de órgãos públicos e outras organizações da sociedade civil que indiquem as problemáticas comuns ao universo da juventude que vive em situação de vulnerabilidade social. Exemplo: a gravidez na adolescência foi uma problemática recorrente e identificada também junto aos órgãos de saúde.

## Formações autônomas

As formações autônomas são uma estratégia diferencial organizada pelo GA que foi adaptada para implementar a metodologia do TC. Ela possui três objetivos específicos:

- 1) Iniciar um processo para que os/as líderes se tornem mais atuantes e tomem iniciativas nas comunidades e escolas sem precisar do GA.
- 2) Identificar e valorizar o potencial de liderança que os/as adolescentes possuem.
- 3) Contribuir para que os/as líderes estejam conscientes sobre seu potencial e atuem de maneira responsável.

Na proposta metodológica construída pela instituição, essas formações são divididas em etapas que estimulam cada vez mais o protagonismo e a autonomia dos/as adolescentes. Foi entendido que esses adolescentes precisam de uma forma-

Contribuir com a transformação da realidade das comunidades e escolas pelos grupos de líderes é o foco das formações.

As formações são pensadas e ministradas por educadores/as, o que exige um debate constante desses/as com os grupos de líderes.

Os temas geradores aparecem nos formulários do SiDiEs e surgem a partir do sofrimento social mais recorrente nas comunidades.

ção específica para que associem o significado de ser um/uma líder; atuem como um líder.

Essas formações proporcionam:

- Reflexão sobre o que é ser liderança.
- Identificação e avaliação dos vários tipos de lideranças.
- Fortalecimento do potencial de liderança dos/as estudantes.
- Dar responsabilidades aos/às estudantes líderes de opinião.
- Trabalho e análise de forma conjunta dos principais pontos do SiDiEs, especificamente: história da comunidade, representações sociais identificadas, temas geradores e redes.
- Debate, planejamento e realização de processos de intervenção: multiplicação, ação de vinculação e **projeto de intervenção social**.
- Identificação e envolvimento da **minoria ativa** da comunidade.

*Observa-se que nas formações com temáticas específicas e nas formações autônomas, alguns/as educadores/as, jovens com idades entre 18 e 21 anos, são técnicos/as e, ao mesmo tempo, beneficiários/as do GA. Isso porque, para formar e acompanhar os/as adolescentes, eles/as precisam de um processo constante de estudo e formação. Na prática, vemos o princípio da EP, já que esses/as jovens são da mesma realidade socioeconômica dos/as estudantes líderes de opinião e possuem idade próxima. Ao multiplicarem os conhecimentos a partir dessas formações nas escolas e comunidades, podem-se ver estratégias contidas no TC e na ZOE.*

Qualidades estimuladas nos/as estudantes líderes de opinião a partir dessas formações:



As formações autônomas são uma parte central quando se trabalha com adolescentes e jovens na perspectiva do TC. Despertar o sentimento de liderança e organizar esse processo para que o indivíduo trabalhe para a promoção de uma cultura de paz é estabelecer vínculos de responsabilidades e construções sociais para a melhoria da qualidade de vida de muitas pessoas, da comunidade e do ambiente escolar. Valorizar o que cada um tem de importante é revigorante em momentos formativos e contribui com a história de cada pessoa e com as possibilidades de transformações que partam de processos internos, garantidos por quem passa por graves vulnerabilidades.

## Como é a metodologia de construção das formações?

As temáticas que fazem parte do processo elaborativo das formações aparecem a partir do trabalho diário com a minoria ativa e os/as estudantes líderes de opinião e de atividades estratégicas desenvolvidas no GA. Outras surgem por meio de debates e/ou para garantir a sustentabilidade das ações. Há, também, aquelas que surgem a partir dos desejos e interesses das lideranças.

Os currículos de formações com temáticas específicas e de formações autônomas são divididos por módulos para serem desenvolvidos. Cada módulo é cogitado e planejado com antecedência. Em média são pensados 8 planos por módulo, e cada módulo dura cerca de 2 meses. Cada plano citado equivale a um dia de formação com os/as estudantes líderes de opinião.



A dinâmica de construção dos planos é feita pelos/as educadores/as, ainda pautando-se no que diz a EP, já que educadores/as, em sua maior parte, também possuem as mesmas origens socioeconômicas dos/as estudantes líderes de opinião.

Ao final do capítulo, há anexo um modelo de plano para essas formações.

Cada módulo aborda um tema específico, seja de cunho autônomo (para as formações autônomas), seja político-social (para as formações com temáticas específicas).

Percebe-se que a EP acompanha todo o desenvolvimento dessas ações. O conhecimento e o aprendizado são feitos de forma coletiva, democrática. São os pares construindo os ensinamentos e aprendendo em conjunto.



### Estudos para processos formativos e formação política

Momentos de estudos são oportunizados pela instituição, o que contribui para a construção dos planos e debate das temáticas das formações. Também há o incentivo para que os/as educadores/as participem de fóruns, conferências e outros espaços de debate para fortalecer o poder argumentativo e discernimento político. Além disso, são criados pelo AdoleScER momentos de incentivo à leitura, estudos coletivos e individuais com a disponibilização de textos com diversas temáticas para a formação continuada dos/as educadores/as.

### Atividades artísticas

Expressões artísticas e culturais são elementos fundamentais para o despertar do lúdico em cada pessoa. Demonstrar inquietações, dons, alegrias, por meio do grafite, da música, da dança, contribui para que a mensagem que se quer dar chegue de forma mais rápida e efetiva, provocando no outro reflexões importantes para o processo de transformação social.

Nesse contexto, uma questão importante se coloca: como articular as ações de redução da violência na escola e comunidade de forma que a mensagem chegue mais rapidamente às pessoas? Para intervir nesse impasse, o GA incorporou as atividades artísticas ao currículo de formação com os/as estudantes líderes de opinião. Há carência de tudo quando se atua em comunidades esquecidas ao longo de anos pelo poder público. Assim, estratégias de convencimento, apropriação do discurso e sensibilização são primordiais.

“A arte é uma forma de conhecimento que nos capacita a um entendimento mais complexo e de certa forma mais profundo das coisas” (ZAMBO- NI, 2001, p. 21).

A proposta para se trabalhar as atividades artísticas com adolescentes e jovens deve acontecer a partir da escolha predefinida desses/as atores e atrizes, ou seja, precisa ser feita uma escuta pela equipe técnica de que tipo de linguagem estaria mais próxima das ações que estão sendo desenvolvidas e como essas linguagens artísticas podem ser incorporadas na hora de desenvolver multiplicações de informações nas escolas ou ações nas comunidades, de maneira que o lúdico seja a principal ferramenta para construção de conhecimentos.

O teatro, por exemplo, é fundamental para se contar várias histórias desenvolvidas pelos/as estudantes líderes de opinião. Debater sobre as violências, desrespeito, drogas, meio ambiente, utilizando instrumentos e linguagens lúdicas e artísticas garante o aprimoramento e a apropriação do debate por parte de quem apresenta e de quem observa.

A criatividade é cognitiva-emocional-manipulativa: cognitiva porque se refere a inovar e desenvolver ideias, e ocorre mediante processos mentais; é emocional, pois está integrada às emoções e, finalmente, é manipulativa porque o desenvolvimento da ideia não se dá somente internamente, mas também em relação a um meio específico. (GNEZDA, 2011).

As formações artísticas despertam a sensibilidade das lideranças e fortalecem a culminância das outras formações desenvolvidas. Elas mostram a cultura como forma de transformação social, possibilitam o entendimento de novas formas de expressão alinhadas com os temas aprendidos e a multiplicação entre pares.

### Exemplo do uso de ações artísticas no GA:

Em um processo formativo sobre bullying na escola, a culminância do módulo se deu com uma apresentação teatral na escola Maria Goretti (Caranguejo/Tabaiares), abordando a temática. Os/as estudantes líderes de opinião usaram roupas lúdicas e levaram mensagens de conscientização e afeto que mobilizaram toda a escola.

A estratégia percebida no desenvolvimento das formações artísticas dialoga tanto com a EP como com o TC e seu dispositivo, a ZOE. Para a EP, percebe-se que na multiplicação do conhecimento para seus pares, a arte é usada como estratégia para fortalecer as temáticas abordadas, como visto no exemplo do teatro sobre o bullying. Como ferramenta estratégica para o TC, o contato com as artes proporciona sentimentos que interferem na conduta e nas relações pessoais das lideranças, o que, inevitavelmente, estimula e fortalece uma cultura de paz, essencial para as transformações sociais nas comunidades. A aplicação e o envolvimento das escolas nessas ações indicam a base proposta pela ZOE, o que leva as transformações também para o ambiente escolar.

Ao longo dos anos, foram trabalhadas diversas linguagens nas formações do GA — dança, grafite, palhaçaria, teatro, canto coral, música, break. Não necessariamente ocorria uma culminância ao final de cada módulo, porque cada atividade era um aprendizado diferente que independia ter um fechamento. O mais importante é que a atividade artística incorpora um instrumento dialógico à linguagem do/a jovem para enfrentar as problemáticas que o/a cercam cotidianamente.



### Indicativos dados pela experiência do Grupo AdoleScER:

- A demanda para a escolha da linguagem artística vem a partir de uma consulta com os/as estudantes líderes de opinião. É pensada de maneira conjunta qual vivência os/as adolescentes querem ter.
- As pessoas responsáveis pelas oficinas artísticas (facilitadores/as) podem ser contratados/as pela instituição, se houver recursos para esse destino, ou podem ser acionadas as redes identificadas no Si-DiEs, com o reconhecimento de pessoas que têm talento ligado a artes, danças, etc.
- As atividades são desenvolvidas uma vez por semana e podem ou não ter culminância. Todo o processo formativo na linguagem artística é desenvolvido para contribuir com o campo lúdico do/a estudante líder de opinião na hora de exercer seu protagonismo.

### A importância da formação de mediação de conflitos

O desafio dentro do trabalho do Grupo AdoleScER é desnaturalizar a violência nas comunidades e escolas. Propiciar o contato com uma nova perspectiva de se relacionar com o outro faz com que as/os adolescentes comecem a rever suas atitudes e as atitudes de seus colegas. Surge, assim, a mediação de conflitos, instrumento importante para as pessoas refletirem e transformarem seus comportamentos. Segundo Lia Sampaio, Regina Castaldi e Adolfo Braga Neto (2007), ela é um processo voluntário, no qual uma terceira pessoa, imparcial e capacitada (mediador/a),

sem qualquer poder de aconselhamento ou decisão, atua no sentido de encorajar e facilitar a resolução de uma questão sem determinar qual a solução. Por meio de um processo dialógico e cooperativo, a mediação de conflitos possibilita identificar os interesses e as necessidades dos envolvidos, propiciando que seja construída uma solução satisfatória para as divergências.

Introduzido no processo formativo e nas ações de intervenções do GA, observou-se que práticas antes vistas como naturais, como xingar ou bater, foram repensadas e menos praticadas, o que contribuiu para a diminuição da violência no espaço escolar e comunitário. De modo geral, as meninas e os meninos conseguiram reverter isso por terem mais contato com a mediação de conflitos, prática que intervém para solucionar problemas baseando-se na cultura de paz.

### O Cuidar do Ser

Outro pilar inserido em toda a atuação do GA é o **Cuidar do Ser**, fundamento que rege qualquer atividade realizada na organização e reforça as relações interpessoais. Esse é o momento de aproximação e acolhimento, quando as pessoas trocam afeto e empatia. Nele, se conhecem uns aos outros e há o sentimento de pertencimento a um grupo. Cria-se, assim, a noção de cuidar desse grupo e de cada integrante, ou seja, o Cuidar do Ser. Aqui, são estimulados valores essenciais para o trabalho da multiplicação de informações, ações de vinculação e projetos de intervenção social. Estão aí a solidariedade, a compaixão, a empatia, a liberdade e o amor. Com essa abordagem, não há o risco de o conhecimento ser usado de forma negativa, como instrumento de poder, e isso reforça a horizontalidade da construção do aprendizado.

*O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro (BOFF, 1999, p. 12).*

Estar em um contexto de formação e aprendizado que leva em conta sua realidade, seus anseios e suas dinâmicas vem contribuindo para que adolescentes e jovens possam sair de situações de marginalidade. O Grupo AdoleScER atua para que as realidades existentes advindas de um histórico de opressões e injustiças sejam transformadas. A EP, alinhada ao TC, revela a importância do empoderamento infanto-juvenil nessa transformação. Além disso, o vínculo com o Cuidar do Ser, no uso da afetividade como estratégia de transformação, indica a orientação certa para recontar histórias e transformar vidas.

### Conceitos, princípios, instrumentos e intervenções

Todos os processos formativos descritos são permeados por princípios tanto da metodologia da EP, como pelo TC e pela ZOE para que aconteça uma redução da violência nas comunidades e escolas. Para isso, são desenvolvidos vários instrumentos e processos para o GA se basear, conhecer a realidade e sistematizar o que foi observado e aprendido com o intuito de melhor atuar nessa perspectiva.

Para esses processos, foram utilizados instrumentos e conceitos que se fundamentam nas metodologias de TC e da EP para realizar as

ações. Eles também podem integrar uma ação maior, conhecida como projetos de intervenção social, que serão abordados no capítulo seguinte.

São eles:

#### Relação com a comunidade

De que forma acontece o encontro entre a comunidade e o Tratamento Comunitário? Esta pergunta pode ser formulada de uma maneira diferente, permitindo ver outro aspecto deste processo: de que forma o Tratamento Comunitário orienta o encontro de uma equipe ou de uma rede operativa com uma comunidade? Esta segunda formulação evidencia que o Tratamento Comunitário pode constituir uma forma de concretizar 'um primeiro encontro' entre uma comunidade e uma equipe, ou pode constituir uma nova forma de promover o encontro entre uma comunidade e uma equipe que já se encontra trabalhando. Neste segundo caso, trata-se de replanejar o fluxo das relações entre comunidade e equipe de trabalho. (MILANESE, 2012, p. 69).

Como indica a metodologia do TC, é importante estabelecer uma relação com a comunidade, ou seja, deixar caminhos abertos para o diálogo: é o trabalho em rede, a construção de laços e nós com a comunidade e as pessoas que desenvolvem as mais diversas funções dentro dela.

Essa relação com a comunidade pode ser revertida em intervenções de diferentes casos:

- Uma pessoa pede ajuda para resolver um problema ou um conflito.
- Um/a líder comunitário/a demanda a implementação de uma ação social.
- A demanda vem diretamente dos/as vizinhos/as de um bairro marginalizado.
- Há identificação dos temas geradores na comunidade.



A comunidade tem vida e sua energia é importante para os processos construtivos e de transformações. É necessário entender e perceber a comunidade não apenas como um espaço, mas um lar, moradia, um agrupamento de dinâmicas sociais. Na comunidade podem-se encontrar as redes necessárias para as ações previstas. Além disso, ela é o campo de atuação e trabalho junto com os/as estudantes líderes de opinião. É nelas que se pode encontrar parte da minoria ativa e todos aqueles que possam contribuir com as atividades desenvolvidas a partir das metodologias adotadas pelo GA. Esse diálogo é necessário, pois é preciso entender o que se passa em cada comunidade, quais suas problemáticas sociais, seu contexto e sua história. Ter conhecimento e acompanhamento desses fatores influencia o trabalho com os adolescentes, já que o ambiente onde eles e elas vivem também interfere na sua formação.

### Aproximação das escolas

Além da relação com a comunidade, é necessário se aproximar das escolas onde se encontra o público beneficiário, ou seja, os/as adolescentes e jovens. É nelas que, além de identificar esses/as estudantes líderes de opinião, o GA também analisa outra parte da minoria ativa, como visto no início deste capítulo. É nas escolas também, assim como nas comunidades, que acontecem ações desenvolvidas pelo GA, principalmente a culminância de muitas formações.

Uma vez por semana, é feita a **visita de aproximação escolar** pela equipe do GA com o objetivo de, além de conversar com professores, diretores e alunos, observar situações de violência. O/a visitante deve ficar atento/a a toda dinâmica escolar. Os grupos que se formam, as redes que se estabelecem, como conversam, que tipo de brincadeiras praticam e se há algo diferente do que foi visto nas visitas anteriores.



Uma visita de aproximação não é estabelecida pelo simples fato de ir até a escola e observar, de forma passiva, o que ocorre no horário do intervalo escolar. Por isso, é necessário uma organização prévia (planejamento) pontuando o que será realizado no dia da visita para que seja construída uma ação ativa com os/as estudantes, gestão, professores/as e funcionários/as da escola parceira. É crucial definir nesse planejamento o que é mais importante realizar no momento: coletar dados sobre os casos, conversar com a **rede subjetiva**, falar com a direção sobre um tema específico, etc.

Com essa organização prévia, segue-se para a visita, quando se deve garantir:

- O diálogo com os/as estudantes líderes do GA e a minoria ativa. Provoque-os/as, pergunte o que viram na escola que lhes chamou a atenção e observe quais são os assuntos mais importantes durante a semana.
- A observação do comportamento da gestão, de professores/as e funcionários/as em relação à escola, aos alunos/as e à organização que você trabalha, nesse caso, o GA.
- O registro da dinâmica dos/as alunos/as em geral.
- A identificação do comportamento dos/as estudantes líderes de opinião no contexto escolar em específico. Sempre dê o retorno da visita para uma referência do mesmo projeto que você atua, pois algumas questões que vocês levantarão podem se tornar casos de sofrimento social que deverão ser acompanhados de ações de vinculação que poderão ser realizadas no ambiente.

Todas essas informações devem ficar registradas nos diários de campo.

Essa foi uma estratégia elaborada pelo GA para consolidar os vínculos com as escolas. A parceria com as instituições é base para desenvolver processos de formações com a juventude.

### Ação de vinculação

Depois de ter estabelecido o primeiro contato com os atores comunitários e com as pessoas, é necessário que esse contato se fortaleça e se mantenha no tempo. Em outras palavras, é necessário que esse contato se transforme em relação e, se possível, em relação de trabalho. Esta é a finalidade das ações de vinculação: fortalecer o contato estabelecido, começar a construir um sentido e um conteúdo comunitário (transformar a ação pessoal em sentido comunitário). Um dos produtos das relações de vinculação (seu produto talvez mais importante) é favorecer, fortalecer, manter, alimentar a participação comunitária. Não se trata só da participação nas atividades do projeto, e sim de uma posição perante o que acontece na comunidade: vencer a indiferença em relação às dificuldades da comunidade e de alguns de seus atores. As ações de vinculação são um dos instrumentos privilegiados de trabalho na investigação da ação e, por consequência, constituem a base do trabalho de diagnóstico comunitário (MILANESE, 2012, p. 85).

As ações de vinculação no GA são intervenções rápidas e singulares na escola ou comunidade para vincular uma temática identificada nesses ambientes com uma possível solução. Elas também podem ser criadas a partir dos temas das formações realizadas com as/os estudantes líderes de opinião. Uma ação de vinculação tem o propósito de tratar um tema de forma lúdica, chamando atenção e provocando reflexões nas pessoas que foram alcançadas.

Podem ser um tipo de culminância dos processos formativos e são pensadas a partir de debates com o próprio grupo de estudantes líderes de opinião. Elas tratam uma violência ou um tema gerador identificados na comunidade ou escola, retratando o tema de forma lúdica e interativa para que as pessoas possam vinculá-lo ao seu comportamento e seu modo de vida, pensando em estratégias que solucionem suas problemáticas. Podem ser peças de teatro, brincadeiras, gincanas e o que mais a criatividade permitir. Elas fortalecem os vínculos entre os grupos de líderes e seus espaços escolares e comunitários e aprofundam os conhecimentos obtidos nas formações, sendo uma forma de multiplicá-los.

#### Exemplo de uma ação de vinculação no GA

*Foi observado pela equipe de educadores/as do GA que, em uma das escolas públicas parceiras, ocorria, no horário do recreio, a produção de muito lixo. Essa demanda foi trazida para discussão com o grupo de estudantes líderes de opinião, que resolveu desenvolver uma ação de vinculação nesse horário. Um painel foi montado na parede com os dizeres “Observe o lixo que você produz na hora do recreio”. Enquanto os/as alunos/as jogavam lixo no chão — copos, papéis, sacos, etc. —, os/as líderes apanhavam e os colavam no painel para que toda a escola observasse a produção de lixo gerada. O painel ficou exposto por toda a semana e o efeito foi a redução da quantidade de lixo produzida no intervalo.*

#### Multiplicações

Os processos que envolvem as multiplicações surgiram no GA desde sua fundação, no programa formação de AMIN, cujo objetivo principal era, por meio da metodologia da EP, alcançar o maior número de adolescentes para que se apropriassem dos temas sociais que eram trabalhados nas formações: sexualidade, DSTs e Aids, métodos contraceptivos, valores humanos, respeito, entre outros. Essa foi e é uma competência desenvolvida pelo GA e incorporada à metodologia do TC para que os/as jovens dialoguem com seus/suas pares, na perspectiva de ativar a implementação de uma cultura de paz por meio de temas sociais ligados.

#### Como funcionam as multiplicações?

Estudantes líderes de opinião são formados/as em diversas temáticas sociais. A partir da conclusão das formações, são agendadas nas escolas e/ou em instituições parceiras das comunidades a ida desses/as líderes para que, por meio da EP, eles e elas multipliquem seus aprendizados para outros/as jovens. Previamente, há a organização de planos formativos, a distribuição das responsabilidades e o estudo das temáticas para o processo ser participativo, dinâmico e atrativo junto a outros/as adolescentes. Uma multiplicação muito comum e solicitada pelas escolas, por exemplo, é a que aborda os métodos contraceptivos, na qual os/as estudantes líderes de opinião explicam como funcionam os métodos, as prevenções e como usar os materiais para adolescentes que vivenciam essa mesma fase de vida.





## Orientação para a elaboração de um plano de formação

### Organização dos planos de atividades para a formação com os/as estudantes líderes de opinião

**TEMA:** Escolher o tema a partir das análises que são feitas pelo SiDiEs. Geralmente, um tema pode ser dividido entre 4 e 8 planos de atividades.

**OBJETIVO:** Elencar um objetivo central para a construção de todos os planos, porém elaborar os específicos. Qual a intenção de desenvolver esta atividade e onde se quer chegar?

### PRIMEIRO MOMENTO – Cuidar do Ser

O início da atividade é feito para propiciar um ambiente acolhedor aos/as estudantes líderes de opinião. Relaxamento, carinhos e atividades místicas são bem-vindos. É importante salientar que esse início já deve fazer alusão ao tema que será trabalhado no dia. No GA, esse momento é conhecido como *Cuidar do Ser*, mas aparece com outros nomes em diferentes organizações, como místicas, acolhimento, etc.

### SEGUNDO MOMENTO

No segundo momento, um processo introdutório e de aprofundamento na discussão é feito. Textos, organização de esquetes dentre outros ajudarão a proporcionar formas lúdicas para re-

fletir a temática. É aqui que também já pode ser feita a divisão de subgrupos.

### TERCEIRO MOMENTO – Vídeo temático ou músicas

Aqui, um vídeo sobre a temática ou uma música que traga um processo reflexivo sobre o debate é exibido/tocado. Esse passo é importante para a construção de saberes. Após o vídeo ou música, que deve ser curto, há a discussão sobre esse material.

### QUARTO MOMENTO – Dinâmicas de grupo

Dinâmicas de grupo devem ser organizadas e aplicadas na atividade. Elas também devem ter ligação com a temática central. As dinâmicas ajudam a fazer essa associação e são imprescindíveis na condução do plano de atividade.

### QUINTO MOMENTO – Avaliação

Finalizando o plano, há o resgate do que foi construído ao longo do dia, provocando os/as líderes a trazerem opiniões, observações, avanços e o que precisam melhorar. É nesse momento que são feitos acordos para a próxima atividade, que podem ser por meio de propostas de estudos, trazer opiniões de amigos para a próxima atividade, etc.

# 5

## Projetos de Intervenção Social: construir impactos, transformar vidas

**Palavras-chave:** *problemas sociais, tratamento, ações conjuntas, coletividade, qualidade de vida, ações estratégicas, intervenções sociais.*

*Um processo de mobilização social tem início quando uma pessoa, um grupo ou uma instituição decide iniciar um movimento no sentido de compartilhar um imaginário e o esforço para alcançá-lo (TORO; WERNECK, 2007, p. 22).*

Os **projetos de intervenção social (PI)** são mais um instrumento criado pelo Grupo AdoleScER a partir da metodologia do **Tratamento Comunitário**. Eles buscam intervir no **sofrimento social**, seja comunitário, seja escolar, visando à transformação da realidade dos/as **estudantes líderes de opinião**, como visto, jovens em situação de vulnerabilidade. Na proposta do GA, para minimizar as violências essas ações sociais são feitas de forma periódica e geram importantes reflexões para a mudança de atitude de jovens, familiares, vizinhos/as, professores/as e todos/as aqueles/as que fazem parte do cotidiano da juventude.

O GA identifica e nomeia a culminância de um processo formativo, tanto os de temática específica como os autônomos, como *projeto de intervenção*. É nele que estão inseridos os diferentes processos sugeridos neste guia, como **multiplicações de conhecimentos, ações de vinculação** e as relações que se estabelecem com as escolas e comunidades.

Por meio de ações sistemáticas e organizadas junto às comunidades, de forma partilhada e

construtiva, são identificados **temas geradores** de sofrimento social, como drogas, violência de gênero e meio ambiente, que norteiam os projetos de intervenção social desenvolvidos nessas comunidades. Todo o planejamento construído para esses projetos parte de coletas de dados feitas no **SiDiEs**, o que possibilita ações mais focadas, participativas e elaboradas pelos/as estudantes líderes de opinião, que iniciam esses processos nas formações e seguem até as ações práticas na base — comunidade ou/e escolas.

### Como é desenvolvido um projeto de intervenção social?

No GA, são realizados dois tipos de projetos de intervenção. O primeiro atua como parte da **Zona de Orientação Escolar (ZOE)** e é chamado **Projeto de Intervenção Escolar**. Ele é realizado em um ambiente menor e mais fácil de se controlar e impactar. A implementação do segundo tipo ocorre na comunidade e é chamado **Projeto de Intervenção Comunitário**. Na comunidade, o impacto e a mudança são mais difíceis de ser alcançados, pois ela é um espaço maior e trata várias pessoas, não apenas adolescentes, como na escola. Os dois tipos de projetos seguem os mesmos passos no GA:

1. Análise dos temas geradores (SiDiEs) com os/as estudantes líderes de opinião para identificar qual será o tema trabalhado (todos os te-

mas estão dentro da temática maior de cultura de paz).

2. Desenvolvimento, junto com os/as líderes, de uma estratégia de intervenção que leva aos seguintes passos:

- **Formação:** o/a educador/a prepara um momento de formação para os/as adolescentes líderes. Também é possível a visita a um espaço que trabalhe a temática. Ela busca aprofundar o conhecimento da temática para que o aprendizado seja multiplicado.

- **Estudo:** os/as estudantes líderes de opinião se aprofundam na temática de forma autônoma com apoio do/a educador/a. Buscam aprofundar o conhecimento da temática para que o aprendizado seja repassado, multiplicado.

- **Criação e construção de materiais:** se o projeto precisa de materiais, esses são produzidos pelas próprias lideranças para que aconteça a apropriação do projeto via trabalho manual e reciclável.

- **Produtos de comunicação:** é feito um cronograma de atividades da comunicação que acompanha o processo inteiro e tem como princípio a ideia de comunicação popular. Podem ser feitos: fotos, publicações na Internet, *banner*, panfletos, vídeos e outros. Seu intuito é visibilizar o projeto e aumentar o impacto da temática.

- **Articulação e inserção de redes:** atores/atrizes redes na escola e comunidade são identificados/as para compor o projeto e, assim, fortalecer seu alcance e impacto.

- **Multiplicação:** repasse das informações na proposta de **Educação entre Pares (EP)**.

- **Ação de vinculação:** realização de uma ação rápida que vincule o tema ao conhecimento do público da escola e/ou da comunidade para que repense comportamentos e conhecimentos.

- **Apresentação de peças de teatro, música, canto ou outras atividades artísticas para transformação social:** uso de formas lúdicas, artísticas e culturais para repassar o conhecimento.

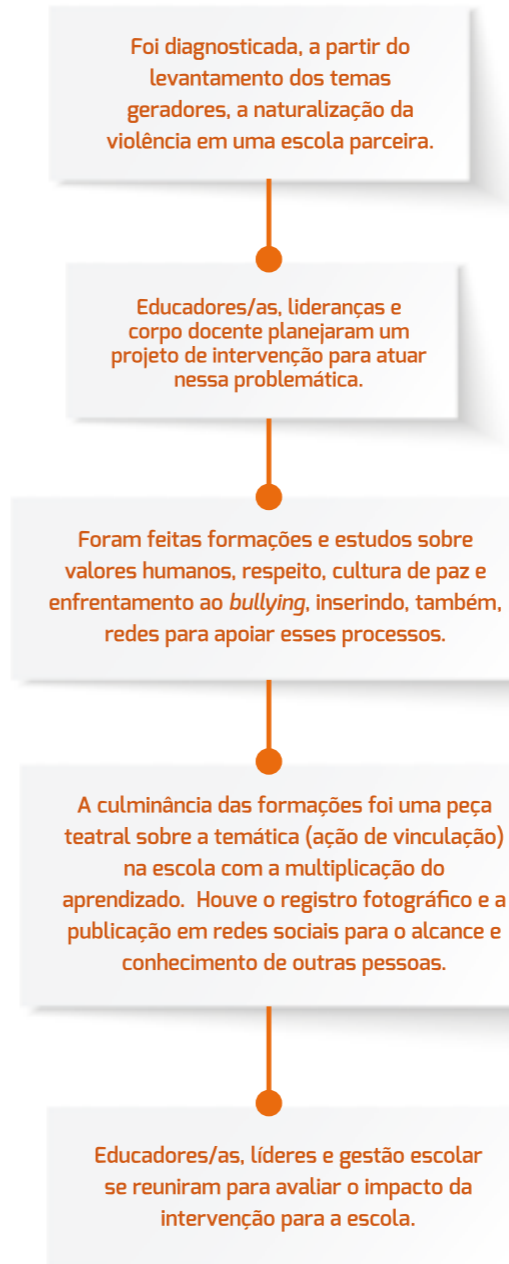
- **Avaliação:** avalia junto com a **minoria ativa**, o que também inclui os/as estudantes líderes de opinião, sua realização para serem tirados aprendizados para outras intervenções.

3. Desenvolvimento de planos para cada passo da intervenção pelo/a educador/a com apoio dos/as estudantes líderes de opinião.

4. Implementação dos planos/projeto.

A prática e execução de um projeto de intervenção só é possível se os atores e as atrizes diretamente ligados/as a ele o aplicarem e obtiverem um grande alcance junto a outras pessoas, despertando-as e sensibilizando-as a refletirem sobre os problemas geradores de sofrimento social pelos quais passam. Dessa forma, desde o surgimento das primeiras ideias até sua execução, o projeto de intervenção é inclusivo, pois se articula com as diversas redes identificadas, passa a provocar o sujeito a debater sobre seus problemas coletivos, desperta a consciência crítica das pessoas e, mais uma vez, enaltece o protagonismo e aflora a autonomia, sobretudo, dos jovens.

### Exemplificando o processo dos projetos de intervenção com uma ação real do GA:



No caso exemplificado ao lado, a problemática social envolvia a violência, mas poderia ser relacionada a questões de gênero, raça, tolerância religiosa, projeto de vida entre outros. Alguns exemplos de temáticas trabalhadas nas quatro comunidades de atuação do GA (Caranguejo/Taibaiares, Roda de Fogo, Santa Luzia e Santo Amaro) são drogas, violência contra a mulher, lixo e meio ambiente. Já nas escolas parceiras, os temas são respeito, violência no recreio, integração, respeito por meio de práticas recicláveis, violência física e verbal e violência e drogas.

Os projetos de intervenção auxiliam e são estratégicos nos processos da EP e do TC — no caso da escola, a partir do seu dispositivo, a ZOE. Eles integram as metodologias usadas no projeto e fazem parte das soluções implementadas para reduzir a violência comunitária e escolar.





### **Impactos nas realidades dos/as estudantes líderes de opinião**

Em todo projeto de intervenção social, o compromisso dos/as adolescentes e jovens líderes de opinião na condução dos processos é destacado. Além disso, a comunidade é bastante receptiva e não atua de forma passiva, como mera expectadora das ações, mas reflexiva e construindo novas possibilidades de se construir um bairro melhor.

*Educadores/as falam sobre os impactos:*

*“O foco em Santa Luzia foi a violência de gênero. As mulheres tiveram papel determinante na condução do projeto de intervenção social. Panfletagens, diálogos face a face com as pessoas, multiplicação de informações e a elaboração de cartões com falas de mulheres entrevistadas na comunidade resultaram em uma manifestação de empoderamento social e a contribuição para uma sociedade livre do machismo. Tudo isso feito com muita garra, persistência, foco e amor.” André Fidelis, educador do GA.*

*“A partir da demanda apresentada pela escola e percebida pelo Grupo AdoleScER, decidimos criar uma proposta de intervenção em cima de uma problemática nítida dentro do ambiente escolar, o desrespeito. É importante ressaltar que os/as estudantes líderes de opinião (que ficaram à frente das atividades/ações que foram desenvolvidas) passaram por vários processos de formação e preparo para construção desse pequeno projeto de intervenção social, assim como momentos de estudos, ensaios, debates e multiplicações na sede e na escola.” Igor Luan, educador, sobre o projeto de intervenção social realizado na escola da comunidade Caranguejo/Tabaiaras.*

*“Na comunidade Roda de Fogo, foi trabalhado o tema lixo e meio ambiente através da instalação de placas e jardins em lugares onde os/as moradores/as*

*jogam muito lixo. A partir das primeiras conversas, feitas entre as/os estudantes líderes de opinião e os/as moradores/as, percebeu-se que a vizinhança já passou a se mobilizar para construir um jardim em lugares estratégicos. Outros/as moradores/as também se articularam para comprar lixeiros e colocá-los em frente às suas casas para não jogar o lixo na rua. Cuidar do meio ambiente também faz parte da cultura de paz que as intervenções da organização tentam estabelecer.” Renata Melo, educadora.*

*“A escola estava vivenciando um aumento de agressividades e violências em diversos momentos, especialmente nos períodos de intervalo entre as atividades formais. Isso decorria, dentre outros fatores, da falta de ações mais significativas, ou mesmo pela falta de experiência com atividades que envolvessem o espírito de colaboração e o respeito pela opinião do outro. A partir dessas observações, apresentadas pela escola e percebidas pelo Grupo AdoleScER, decidimos criar uma proposta de intervenção em cima dessa problemática — o desrespeito no intervalo — dentro da escola. As atividades ocorreram no pátio, com brinquedos e jogos variados, em conjunto com rádio e cartazes, abrindo, assim, um olhar mais pedagógico para o recreio e fazendo com que fossem observados assuntos discutidos pelos estudantes e a forma como eles se comportam. No final, o projeto foi incorporado pela escola.” Valquíria Silva, educadora.*

A partir dos exemplos apresentados, percebe-se que o projeto de intervenção social, a partir da percepção do Grupo AdoleScER, trata a violência encontrada em diferentes formas. Os projetos identificaram os temas geradores dessa violência e desenvolveram estratégias formativas e lúdicas para transformar a realidade, buscando a implementação da cultura de paz.

Durante os processos, é importante estimular o protagonismo dos/as estudantes líderes de opinião e inserir redes e outros atores/atrizes da

escola e comunidade para que identifiquem os problemas e as possibilidades de transformá-los. Assim, garantem-se a continuidade e a sustentabilidade dos processos. É importante citar aqui que todos os processos realizados se estabele-

cem a partir do protagonismo juvenil e da EP. Especialmente nas escolas, a abordagem pela EP faz com que os/as outros/as alunos/as se identifiquem melhor e se inspirem pelo processo do projeto e da redução da violência.





# 6

## Centro de Escuta: atenção e cuidado para transformar

<sup>1</sup> O modelo ECO deu base para o surgimento do TC, como visto em capítulos anteriores.

**Palavras-chave:** *compreensão, cuidado, escuta, encaminhamentos, tratamento comunitário.*

O **Centro de Escuta** é um dispositivo desenvolvido a partir da metodologia do **Tratamento Comunitário (TC)** e utilizado pelo Grupo AdoleScER. A Corporación Viviendo, instituição estabelecida na Colômbia que usa essa mesma metodologia, diz:

*Os Centros de Escuta são uma estratégia e proposta de trabalho comunitário para o desenvolvimento da capacidade de dar respostas por parte da comunidade frente às situações de sofrimento social associadas à exclusão grave e à marginalização. Baseia-se teórica e metodologicamente no modelo ECO <sup>2</sup>. Opera através da construção das redes sociais e da participação ativa e organizada da comunidade.*

(CORPORACIÓN VIVIENDO, 2017)

Seu objetivo é acolher casos de **sofrimento social**, seja no âmbito individual, seja coletivo, para serem dados os devidos encaminhamentos e acompanhamentos, dentro das condições de trabalho que são desenhadas a partir do modelo do TC.

Inicialmente, os/as educadores/as são formados/as em conceitos que abrangem o acolhimento e encaminhamento de demandas vindas do Centro de Escuta — a **escuta ativa** e a **mediação de conflitos** são primordiais para movimentar os centros. Da mesma maneira, essas formações são dialogadas e multiplicadas com os/as **estudantes líderes de opinião** para que, ao longo do processo formativo, eles/as possam também

exercer essa função. As articulações com as redes comunitárias e o entendimento sobre como funcionam as redes de acolhimento do Estado também são fundamentais para o exercício e ativação dos centros.

No Grupo AdoleScER, os Centros de Escuta são estruturados a partir de duas vertentes:

1) A primeira é o **centro de escuta fixo**, que representa quatro salas instaladas nas sedes do GA em suas comunidades de atuação. Neles, acontecem os processos de escuta e acolhimento dos casos de sofrimento social, recebidos tanto pelas/os estudantes líderes de opinião, como por seus familiares e pessoas das comunidades. Esse é um ambiente confortável, sigiloso.

2) A segunda é um **centro de escuta móvel**, representado pelos/as educadores/as do Grupo AdoleScER e direcionado para a atenção dos casos de sofrimento social nas escolas. A identificação dos casos é feita a partir da escuta ativa, ou seja, quando uma atividade está sendo desenvolvida nesses espaços, o/a educador/a desenvolve a ação e, ao mesmo tempo, observa quais reações são praticadas pelos indivíduos, o que chamou mais atenção e que tipo de repostas as pessoas dão. Tudo que é observado é inserido nos diários de campo e levado a reuniões de casos de sofrimento social desenvolvidas pelo GA.

Na prática:

Em uma ação preventiva de gravidez na escola, é preciso observar os tipos de reações que as/os alunas/os têm: identificar se alguma adolescente insinuou que já foi ou é abusada, se alguém coloca que tem relações sexuais sem proteção, dentre outros fatores. Tudo isso precisa ser observado pelo/a educador/a que desenvolve a ação, pois podem ser casos que gerem sofrimento social e, dessa forma, devem ser devidamente acolhidos a partir da escuta ativa.

Para que o Centro de Escuta seja apropriado pela comunidade, atividades sequenciais devem ser desenvolvidas, garantindo que os/as educadores/as e estudantes líderes de opinião estejam à frente para que possam fazer o exercício da escuta ativa. Os Centros de Escuta não possuem e não devem ter caráter assistencialista. Eles precisam ser espaços construídos com a comunidade que garantam o empoderamento das pessoas para buscar seus direitos e ter consciência sobre de quem cobrar (poder público) e as redes que devem ser articuladas.

Efrem Milanese (2012) fala dos Centros de Escuta como estratégia. Para ele, a função de um centro não é dar resposta para tudo. Isso pode dar o entendimento de que é um espaço de aconselhamento, mas sua função não é essa. Um Centro de Escuta pode desempenhar funções diversas. Assim, pode organizar pessoas a partir dos seguintes direcionamentos: escutar, mediar, organizar e formar.

**Escutar:** Dois elementos caracterizam a escuta: a escuta ativa e a acolhida relacionada ao cotidiano das pessoas na escola e na comunidade. A acolhida é definida a partir de um primeiro contato, ações de vinculação e consolidação das relações.

GUIA DA  
REDE DE  
ATENDIMENTO  
AO PÚBLICO  
DA RPA 1 e RPA 4  
RECIFE (PE)

GRUPO  
ADOLESCER

**Mediar:** A mediação comunitária é uma maneira de orientar a escuta, de dar sentido. Em situações emergentes com alto nível de conflituosidade, a posição mediadora é a marca da escuta.

**Organizar:** Os Centros de Escuta podem, também, estabelecer redes, conhecer e organizar instrumentos para dar informações corretas, encaminhar demandas, indicações, petições, organizar materiais. Por isso, é necessário seguir alguns pontos:



- Analisar as demandas que chegam aos Centros de Escuta.
- Buscar na comunidade pessoas e instituições que podem atender algumas demandas.
- Ter contato direto com outros profissionais e instituições.
- Manter contato direto com as pessoas que passam por sofrimento social e construir protocolos de recebimento de demandas.

**Formar:** Como visto no capítulo 4, para a formação, é organizado um currículo formativo a partir de módulos de temas para o empoderamento dos grupos de estudantes líderes de opinião que podem, diretamente, desenvolver ações e intervenções. Isso estabelece a relação entre a teoria e a prática para a redução da violência e incentiva o protagonismo das pessoas envolvidas.

Na relação que o Grupo AdoleScER estabelece com os Centros de Escuta, a utilização da EP, a partir do conceito de jovens formando jovens, rende significativos retornos, como a liberdade

de os/as adolescentes falarem sobre diversos temas e a relação próxima com a família. A EP permite um entendimento mais aprofundado sobre as situações de vulnerabilidade que as pessoas vivenciam, pois o/a educador/a passa pelas mesmas problemáticas que elas, o que qualifica o trabalho do Centro de Escuta.

A relação constante com os/as estudantes líderes de opinião e a minoria ativa, por meio das ações semanais estabelecidas na escola e na comunidade, permite que casos de sofrimento social sejam acolhidos a partir da escuta ativa e enviados aos Centros de Escuta. Uma prática processual, rotineira e presente que estabelece vínculos, dando base para a organização dos Centros.

Para a ativação dos Centros de Escuta, é necessário consolidar os processos mencionados anteriormente, empoderar a equipe e os/as estudantes líderes de opinião e organizar uma rotina sistemática de reuniões e elaboração de instrumentos para garantir a efetivação dos Centros e o acompanhamento dos casos.

Para o Centro de Escuta, foram adaptados, elaborados e verificados pelo GA os seguintes instrumentos:

- **Diário de campo/SiDiEs:** Instrumento/diagnóstico adaptado para todos os processos com base na metodologia do TC, também serve como subsídio para o Centro de Escuta.
- **Ficha de primeiro contato:** Essa ficha é preenchida a partir da primeira escuta de um/a adolescente e a sua problemática, sendo necessárias, também, as informações básicas da pessoa.
- **Diário de Campo Informal:** Para o Centro de Escuta, o Diário de Campo foi adaptado pelo GA para sistematizar as ações realizadas informal-

mente pelos/as educadores/as. É um diário no qual se relata como ocorreram todas as conversas que foram feitas entre o caso e o/a educador/a.

• **Diário Clínico:** É um instrumento adaptado pelo GA para sistematizar todas as ações realizadas durante o acompanhamento de um caso, inclusive o acompanhamento sistemático, os encaminhamentos e a elaboração de estratégias.



## FICHA DE PRIMEIRO CONTATO

NOME DO MONITOR	
COMUNIDADE	
RESP. ACOMPANHAMENTO	

Nº da Folha		Data		Horário	
-------------	--	------	--	---------	--

CONTATO POR:	Telefone	Na instituição	Na rua	Na casa da pessoa	Na escola	Outras

### 1. INFORMANTE

Nome e Sobrenome	Telefone	Idade	Tipologia (ONG, Instit/Grupo/Outro)		
Como ficou sabendo do projeto?	Amigo/a	Família	Escola	Foi em busca	Outros

### 2. BENEFICIÁRIO

Nome e Sobrenome	Idade	Sexo	Orientação sexual	Escolaridade
Endereço:	Amigo/a	Pessoa de Referência	Relação com o Ben.	Telefone

### 3. BENEFICIÁRIO GRUPAL OU INSTITUCIONAL

Nome e Sobrenome	Área de Ação Institucional			
Endereço:	Telefone	E-mail	Site	
Endereço:	Telefone	E-mail		

## 4. SITUAÇÕES QUE ORIGINARAM O CONTATO

1	Uso de drogas/álcool	7	Violência sexual	13	Exclusão grave
2	Brigas na escola	8	Gravidez/Parto	14	Gangues
3	Psiquiátricos	9	Medida socioeducativa	15	Crises psicológicas
4	Baixa autoestima	10	Doença	16	Capacitação e formação
5	Relação em sala de aula	11	Situação de rua	17	Sem trabalho
6	Violência intrafamiliar	12	Apoio econômico	18	Ameaça de morte

## 5. TIPOS DE SOLICITAÇÃO

1	Apoio econômico	8	Formação/Capacitação	15	Terapia
2	Atenção ao parto	9	Creche/guarda de crianças	16	Visita familiar
3	Encaminhamento	10	Hospitalização médica	17	Outros: burocráticos
4	Encontro/Conversa	11	Informação	18	Exames médicos
5	Conselho/Orientação	12	Internação forçada	19	Remédios
6	Defesa legal	13	Recuperação escolar	20	Alimentação
7	Fianças	14	Serviço social		

## 6. TIPOS DE RESPOSTAS

1	Marca-se um encontro	4	Encaminhamento	7	Acompanhamento
2	Dá-se uma informação	5	Escuta imediata	8	Outros
3	Conselho/Orientação	6	Indicações ou sugestões		

## 7. RESULTADO

1	Veio ao encontro	3	Iniciou o programa na instituição
2	Interrompeu o contato	4	Acompanhada em outros espaços

## 8. OBSERVAÇÕES PERTINENTES

--



DIÁRIO CLÍNICO

1. DADOS INICIAIS

Nº da Ficha	Data de Abertura	Comunidade

2. BENEFICIÁRIO

Idade	Escolaridade	Sexo
Telefone	Orientação Sexual	Redes Sociais
Endereço	Pessoa de Referência	Contato

3. BENEFICIÁRIO GRUPAL OU INSTITUCIONAL

#	Nome e Sobrenome	Idade	Sexo	Grau de Relação	Endereço
1					
2					

4. ACOMPANHAMENTO PARA INTEGRAÇÃO DO CASO DE SOFRIMENTO SOCIAL

#	Datas dos Contatos	Processos Propostos	Processos Realizados
1			
2			

5. CONTATOS COM A REDE SUBJETIVA

#	Datas dos Contatos	Processos Propostos	Processos Realizados
1			
2			

6. AVALIAÇÃO DAS FASES DO PROCESSO

Fases	Avaliação

# 7

## Comunicação: visibilizar, sensibilizar, incidir e transformar

**Palavras-chave:** *contra-hegemonia, comunicação popular, empoderar, anúncio, denúncia, instrumento pedagógico, incidência política.*

Quando se fala em abordagens no campo comunitário, o ato de comunicar se torna não só um instrumento para divulgação e visibilidade, mas também uma estratégia de incidência política e transformação social. Os bairros em situações de vulnerabilidade, inclusive as comunidades de atuação do Grupo AdoleScER (Caranguejo/Tabaiães, Roda de Fogo, Santa Luzia e Santo

Amaro), são representados na mídia hegemônica por meio de estigmas sociais que os marginalizam, criminalizando quem ali vive e colocando na invisibilidade agentes e ações positivas que acontecem e impactam essas realidades. Assim, é essencial abordar a comunicação em uma perspectiva popular, dentro de projetos que desenvolvem seu trabalho em comunidades.

É nesse sentido que o público beneficiário de um projeto comunitário<sup>1</sup> é empoderado para se apropriar da sua história e, a partir disso, passar

<sup>1</sup> No trabalho do GA, como visto ao longo dos capítulos anteriores, o grupo beneficiário é a minoria ativa, ganhando destaque os/as estudantes líderes de opinião.



<sup>2</sup> ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/> >. Acesso em: 22 set. 2017.

a incidir em suas vivências e articular transformações sociais. Por meio da comunicação, pode-se construir a narrativa a partir da ótica das pessoas das comunidades, dos/das adolescentes e jovens. Esse trabalho requer a utilização das ferramentas da comunicação — audiovisuais, textos, materiais de divulgação, entre outros — para facilitar os processos formativos e fazer as intervenções comunitárias desenvolvidas pelo projeto nos bairros trabalhados. No caso do GA, essas intervenções também se expandem para o ambiente escolar, o que abrange a atuação e os impactos tidos com a comunicação.

Fortalecendo o público das comunidades e das escolas a partir da comunicação, a visibilidade de suas ações começa a chegar na sociedade e, em um trabalho longo, porém essencial, começam a acontecer as desconstruções das **representações sociais**. Nesse processo, ocorre, também, o reconhecimento da beleza e da importância desses/as agentes. Colocá-los/as na visibilidade e reconhecer que há vida nos bairros marginalizados pela grande mídia dá voz a essas populações e facilita a incidência para conquistar direitos e qualidade de vida diante do poder público.

## Diálogo com a sociedade e com o poder público

*Todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras.*

*Declaração Universal dos Direitos Humanos. Artigo 19<sup>o</sup>.*

Em toda ação comunitária, é preciso garantir/promover o direito humano à comunicação,

pois, assim, entende-se que o ato de comunicar é essencial para a garantia de outros direitos. No GA, há a necessidade de formar os/as **estudantes líderes de opinião** e suas redes no âmbito da comunicação popular para que as transformações almeçadas sejam alcançadas, pois partem de um processo que ocorre na comunidade, de dentro para fora, no qual as pessoas se tornam protagonistas e assumem o papel de desconstrução das representações sociais e construções da autoestima de cada um e de cada uma e da valorização do bairro. Quais instrumentos podem ser utilizados para divulgar eventos, mobilizar atos, fazer denúncias, promover ações importantes? Como se apropriar de uma rádio comunitária local e utilizá-la, produzir fanzines, anuncietas, produtos audiovisuais, fotografia, peças teatrais, dentre outras ferramentas?

Empoderar-se sobre esses instrumentos permite que a comunidade possa ter voz e passe a construir sua própria narrativa. Formações sobre esses meios entram no decorrer dos processos pedagógicos para, justamente, garantir o fortalecimento do aprendizado e assegurar a autonomia e o impacto das ações perante a sociedade. É com essa comunicação feita a partir das pessoas da própria comunidade que haverá a comunicação contra-hegemônica e, com ela, as desconstruções dos estigmas sociais que lhes são impostos.

Nesse processo, quando há recursos suficientes, é importante ter um/a profissional da área de comunicação com experiência no campo popular atuando no projeto. Ele/a poderá auxiliar e facilitar os processos, garantindo a base para que, depois, a comunidade possa ter autonomia em seus métodos de comunicação. Esse/a profissional também fará o diálogo com os veículos de massa, pautando as demandas da comunidade

e furando o cerco da grande mídia. Cabe a ele/ela também formar as pessoas sobre esse diálogo com a mídia para que elas próprias consigam dialogar com os grandes veículos e se fazerem ouvir.

É por meio da comunicação popular e dos instrumentos vindos com ela — denúncias na grande mídia e empoderamento das pessoas sobre o uso da comunicação — que a comunidade passa a ter base para incidir junto ao poder público.

### Exemplos:

• Se há a necessidade de saneamento básico em um bairro, por meio de denúncia à imprensa e da conscientização e articulação da vizinhança com os instrumentos de comunicação é que se pode incidir junto à prefeitura para que essa problemática seja resolvida. Desse modo, entende-se que, para um projeto em comunidades, a comunicação popular e seus instrumentos são vistos de forma política.



• Durante a *Caminhada de Enfrentamento ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes*, promovida anualmente no mês de maio pelo GA e por escolas públicas parceiras nas comunidades, foi vista a possibilidade de se elaborar pequenos *banners* e disponibilizá-los em locais onde devem acolher casos de violências, como delegacias, escolas e postos de saúde. Esses *banners* foram postos nesses espaços a partir de paradas estratégicas feitas durante a caminhada, chamando a atenção da população para a importância de denunciar casos de violência. Cria-se a partir daí o efeito da ação, da mensagem, da comunicação, da denúncia e do incentivo às pessoas para serem agentes multiplicadores/as.





## Articulação com os processos pedagógicos

*“Somente o diálogo, que implica num pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele, não há comunicação e sem esta, não há verdadeira educação.”*

(FREIRE, 1968, p. 70)

Durante a execução de um projeto, a comunicação aparece para subsidiar, facilitar e aprofundar processos pedagógicos. Por meio das diversas possibilidades de criação de materiais e formatação de mensagens, ela envolve o trabalho coletivo e o diálogo entre o público beneficiário — no GA, os grupos de líderes — e suas comunidades e ambientes escolares. Pensar as formas de comunicação exige reflexões e o olhar crítico sobre as problemáticas que envolvem a realidade e precisam ser transformadas. Já imaginou quantas reflexões e mudanças podem vir a partir de uma produção audiovisual ou de uma exposição fotográfica?

### Como acontece a comunicação nos processos pedagógicos do GA?

A comunicação tem sua importância para o desenvolvimento das metodologias e dos instrumentos presentes no decorrer do trabalho feito pelo GA. Para a construção dos SiDiEs, por exemplo, é a partir dela que se pensam mecanismos lúdicos e de maior alcance para serem articulados, abordados e apresentados os itens que compõem o instrumento. Um ponto que recebe forte influência da comunicação é a história da comunidade. Seja por meio de exposições fotográficas, vídeos ou peças teatrais, ela é permeada por esses mecanismos que facilitam o entendimento da realidade e do contexto histórico de cada comunidade para, a partir disso, serem traçadas as estratégias necessárias para o tratamento comunitário.



### Exemplo do uso da comunicação no SiDiEs

*Por meio de exposições fotográficas, feitas nas comunidades e articuladas pela própria juventude beneficiária da organização, as pessoas puderam se ver ao longo da história. Conheceram a origem de seus bairros e notaram mudanças na vizinhança, avanços e atrasos. Isso as fez refletir sobre as ações necessárias e fazer um parâmetro do ontem com o hoje para, assim, pensar o amanhã.*

Os **projetos de intervenção social** também são outros instrumentos presentes nos processos pedagógicos que se beneficiam da comunicação. Quando os planos de ação são pensados, é imprescindível refletir sobre como a comunicação irá atuar para contribuir no desenvolvimento do planejado. Criação de brindes, panfletos, *banners*, cartazes, camisetas, peças teatrais, dentre outros produtos e ações fazem parte das possibilidades existentes e que são usadas nessas atividades e sempre devem ser produzidos com a “cara da comunidade”, abordando os principais locais e pessoas para que aconteça a identificação. Essas estratégias comunicacionais aproximam o público das ações e motivam tanto quem as articula como quem as recebe. Elas despertam o lado afetivo das ações, o que fortalece a transmissão do conhecimento e aumenta o envolvimento com

o conteúdo transmitido. Também é por meio da comunicação que são feitos os processos de mobilização.

### Exemplo do uso da comunicação nos projetos de intervenção social

*Para abordar o tema da cultura de paz em uma das escolas atendidas pelo GA, os/as estudantes líderes de opinião pensaram em uma ação com cartazes e mensagens de narrativa lúdica para passar o conteúdo. Fizeram intervenções com materiais de divulgação e conseguiram mobilizar todo o ambiente escolar para falar sobre a temática. O momento ganhou destaque e foi forte graças ao uso e implementação das ferramentas de comunicação.*



Para além do uso na construção dos SiDiEs e nos projetos de intervenção social, a comunicação aparece desenhada em todo o percurso dos processos pedagógicos. Vídeos são criados para fortalecer e facilitar o entendimento das metodologias propostas pela organização. Um exemplo foi um produto audiovisual criado para explicar a **ZOE** feito pelos/as educadores/as da organização e pelas/os estudantes líderes de opinião. Ele foi utilizado nas formações com adolescentes, familiares e nas comunidades, inclusive no ambiente escolar como instrumento pedagógico.

Vídeos para abordar temas centrais em discussão na conjuntura brasileira ou comunitária também são importantes e podem ser utilizados nos processos formativos. Racismo e eleições, por exemplo, são temáticas que, com frequência, aparecem nas ações. Esses vídeos devem sempre buscar e resgatar a opinião da comunidade, trazendo reflexões interessantes sobre o conteúdo abordado.

No GA, outros produtos audiovisuais foram criados para facilitar processos e/ou divulgar e fortalecer ações. Vídeos sobre a construção de uma hora-comunitária na escola, cobertura e abordagem sobre as caminhadas de enfrentamento ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes, aniversário da organização com apresentações culturais, dentre outros são alguns exemplos que podem ser citados e ilustram a importância desse instrumento também para a memória e construção do conhecimento.

No decorrer dos processos formativos, nas **multiplicações de conhecimentos** e nas intervenções realizadas pelo GA, produtos de comunicação também são criados para serem incorporados às ações. Cartilhas, guias, fotonovelas, panfletos, *banners*, vídeos entre outros formaram o acervo dessa linha da comunicação e podem servir como referência e inspiração para outros processos. Abordar sua vizinhança com uma fotonovela, por

exemplo, para falar sobre temas que carregam forte teor de opressão, como a violência doméstica ou o assédio de crianças e adolescentes, torna-se mais leve e lúdico. Logo, possibilita maiores aberturas para debater o tema na comunidade, com menos tabus e mais reflexões para as transformações.



O ato de comunicar, portanto, aparece para as ações comunitárias como uma importante estratégia política. Sem comunicação, não há como desenhar formas de resistência. E é imprescindível que a comunidade seja inserida nesses processos, estando cada vez mais empoderada sobre o uso da comunicação popular e os impactos que ela traz para as transformações sociais. Formações sobre a comunicação e com a comunicação devem permear as estratégias para que aconteçam a construção de ações práticas e as pessoas se reconheçam como cidadãs dotadas de direitos e atuantes em seus meios. Comunicar, enfim, é a forma de se quebrar relações de poder e fortalecer a democracia.

# 8

## Caminhar lado a lado: acompanhamento do projeto

**Palavras-chave:** planejamento, monitoramento, avaliação, acompanhamento, ações aprimoradas, estratégia, resultados, impactos, identificação de problemas, soluções, revisão.

A implementação de um projeto precisa ser acompanhada por processos de planejamento, monitoramento e avaliação, além de contar com processos de sistematização e comunicação para garantir o alcance e a visibilidade dos resultados. Assim, o caminho é qualificado e gera mais impactos a partir do trabalho desenvolvido.

No Grupo AdoleScER, foi criada uma rotina para isso, com reuniões quinzenais e sistematizadas em instrumentos específicos para garantir a viabilidade do conjunto de ações realizadas anualmente. Essa rotina é tomada como prioridade e resulta em uma matriz organizacional que pode, perfeitamente, subdividir um projeto em diversas partes que atestam a eficácia das ações, mostrando-se os principais erros, acertos, como e onde se deve incidir.

Este capítulo final aborda as etapas em questão, pontos cruciais a serem observados no decorrer do desenvolvimento de um projeto.

### Monitoramento e avaliação do projeto

*Um sistema de PMA<sup>1</sup> é um instrumento metodológico útil para melhorar a capacidade de uma organização para gerenciar e realizar mudanças*

*planejadas. Como os resultados de processos de desenvolvimento social são, em geral, imprevisíveis, as organizações de desenvolvimento precisam de métodos e instrumentos para ajustar suas intervenções, para compensar mudanças reais no terreno e melhorar a comunicação (CONSTRUINDO PONTES EM PMA, p. 21)*

O monitoramento e a avaliação são procedimentos-chave para a análise e o acompanhamento das ações e resultados de um projeto. Esses são processos importantes e necessários para observar o andamento do trabalho e se sua realização anda conforme planejado para que aconteça o alcance dos resultados e impactos desejados. Além disso, esses mecanismos, quando necessário, servem para definir um possível redirecionamento do projeto. Resumindo: o monitoramento guia a implementação de um projeto e a avaliação verifica como esse processo caminha.

#### Um sistema de PMA deve promover:

- Transparência.
- Empoderamento.
- Aprendizado.
- Eficiência.
- Responsabilidade.
- Parceria.
- Autonomia.
- Efetividade.
- Entendimento mútuo.
- Sustentabilidade.

(CONSTRUINDO PONTES EM PMA, p. 21)

<sup>1</sup> Abreviatura de planejamento, monitoramento e avaliação.



## Monitoramento

**Monitoramento** é o acompanhamento do projeto por meio da coleta e análise constante de informações sobre como o trabalho se desenvolve. É a observação da conexão e o desenvolvimento da operação da equipe de implementação (para o GA, os/as educadores/as), os atores e atrizes principais (**minoria ativa**, o que inclui os/as **estudantes líderes de opinião**) e o contexto em geral. O sistema de monitoramento é um sistema de coleta de informação útil para melhorar o que fazer e apontar como fazer, sempre junto com os indicadores e objetivos do projeto.

O monitoramento ponto por ponto

- É uma coleta sistemática e uma análise da informação de como um projeto progride.
- É criado para melhorar a eficiência e a eficácia de um projeto ou organização.
- É baseado em metas e atividades dirigidas durante as fases de planejamento do trabalho.

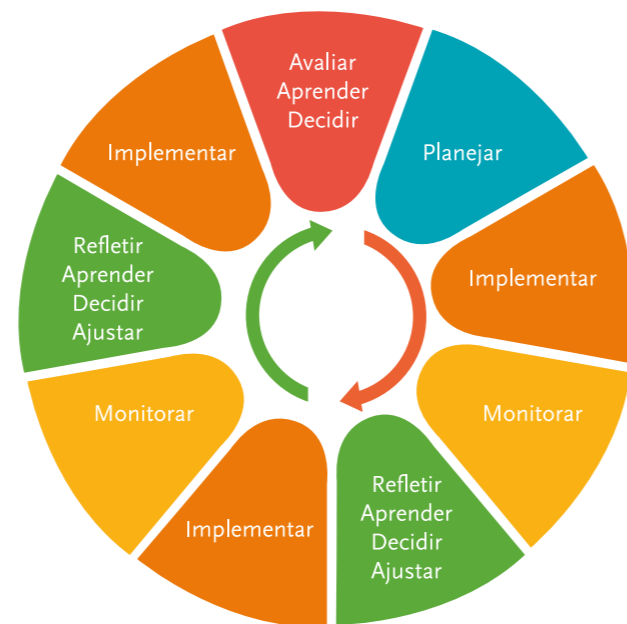
Por que fazer o monitoramento?

- Auxilia a manter o trabalho em sua linha geral e possibilita identificar quando as coisas não estão andando corretamente.
- Se utilizado corretamente, torna-se uma ferramenta inestimável para um bom gerenciamento e fornece uma base de avaliação muito útil.
- Habilita saber se os recursos estão sendo bem utilizados e se serão suficientes para o que está sendo feito; se sua capacidade de trabalho é suficiente e apropriada; e se está sendo realizado aquilo que se planejou fazer.

- Revisa o progresso do projeto.
- Identifica os problemas no planejamento e/ou na implementação.
- Identifica quando as coisas não estão andando corretamente.
- Propõe caminhos para resolver problemas e reajustar o projeto.
- Promove ajustes para que se possa “fazer a diferença” de maneira mais fortalecida.
- Percebe se sua capacidade de trabalho é suficiente e apropriada.

Círculo do monitoramento

Esse círculo mostra a importância do monitoramento e da avaliação e como eles influenciam o andamento positivo de um projeto.



(SHAPIRO, sd.)

## Avaliação

A avaliação é um processo de verificação do desempenho de um projeto para a solução do problema que seu objetivo busca reverter. Ela visa determinar se os objetivos foram ou estão sendo atingidos, avaliando o papel do projeto na sua concretização e indicando mudanças dele decorrentes. Por meio da avaliação, são tomadas decisões no sentido de aprimorar as ações do atual projeto, que está sob avaliação, ou ainda, de futuros projetos a serem implementados. Assim, a avaliação deve estar presente em todas as fases do trabalho para que sejam detectados pontos fortes e fracos e para que se tenha a convicção da necessidade, da importância e da possibilidade de dar continuidade às ações, devendo ser capaz de avaliar não só a mudança ocorrida, mas, também, a permanência dessa mudança ao longo do tempo e o seu grau de abrangência (BARBOSA, 2001).

A avaliação faz a comparação do real impacto do projeto em relação ao planejamento estratégico feito.

O que é importante saber sobre a avaliação?

- Compara o que foi formulado para ser realizado com o que foi feito e como foi alcançado.
- Sempre anda junto com o monitoramento.

Existem diferentes tipos de avaliações, porém as mais recorrentes são a avaliação externa e interna.

- A **avaliação externa** ocorre quando o avaliador não participa da execução do projeto. A ideia que se tem é a de que o avaliador externo é experiente nessa função e, por isso, pode comparar os resultados obtidos nas avaliações anteriores de outros projetos similares com os resultados ob-

tidos no projeto em questão. Ela permite o ponto de vista de quem está analisando a situação de fora, sem participar diretamente do projeto.

### Exemplo de avaliação externa no GA:

*Uma avaliação externa no GA foi feita por dois profissionais da área social e com conhecimento sobre o trabalho de ONGs em comunidades de alta vulnerabilidade social. Isso os ajudou a entender de maneira mais rápida e fácil o projeto desenvolvido pelo GA. Além do estudo de documentos, foram realizadas entrevistas individuais e grupais com os/as envolvidos/as no projeto e os grupos beneficiários (minoria ativa/estudantes líderes de opinião). O resultado foi uma avaliação que mostrou à organização os pontos em que ela ainda precisava focar mais para alcançar o impacto desejado com o projeto nas comunidades e escolas.*

- A **avaliação interna** é realizada dentro da própria organização. Seu ponto forte em relação à avaliação externa é que não existe a possibilidade de os/as avaliados/as se sentirem acuados/as e, assim, acabarem não fornecendo informações completas. O/a avaliador/a interno/a tem o conhecimento das especificidades necessárias do projeto para a execução de uma boa avaliação. A avaliação interna também é um processo constante que avalia e compara o processo com o alcance dos indicadores sugeridos.

*No GA, as avaliações internas são realizadas a partir de encontros mensais e semestrais, que*







# 9

## Considerações

Os processos estabelecidos neste guia resultam em uma grande articulação de base por parte do Grupo AdoleScER, em parceria com outras instituições, e o trabalho em rede para a redução da violência. Para essa dinâmica, há a adaptação da metodologia do **Tratamento Comunitário**, que se une à **Educação entre Pares**, para a realidade que se apresenta na cidade do Recife. Essa prática contribui com a formação e a autonomia de adolescentes na estruturação de intervenções e, sobretudo, na desconstrução das **representações sociais** e para a redução da violência comunitária e escolar.

A redução da violência é um processo complexo e necessita do trabalho com as metodologias do TC, junto com seu dispositivo (a **ZOE**), e da EP, como visto neste guia. Esse processo inclui vários elementos e observações para análise do contexto das comunidades, como o **SiDiEs** e a **escuta ativa**. Nele também acontecem ações estratégicas que buscam a cultura de paz: formações com **estudantes líderes de opinião**, **multiplicações de informação**, **ações de vinculação**, **projetos de intervenção social**, seminários, entre outros. Além disso, é necessária a articulação com outras organizações da sociedade civil, unidades de saúde da família (USFs), escolas públicas e equipamentos do Estado. A culminância são estratégias sólidas e bem estruturadas que fortalecem o trabalho de base e contribuem com a melhoria da situação de vida na comunidade.

Incentivar a autonomia e o protagonismo das pessoas foi a estratégia essencial dessa ação, que

possibilitou uma profunda reflexão por parte dos atores e das atrizes sociais sobre sua condição de classe e os estigmas que são impostos às suas comunidades durante anos. Com essa estratégia, as pessoas passam a pensar sobre os meios que podem encontrar para minimizar ou sanar os problemas históricos a partir da mobilização social, da reivindicação e da organização.

É preciso salientar a importância do estabelecimento de relações respeitadas e de parceria com a população das comunidades onde serão aplicadas as ações. É fundamental respeitar seus ritos e saberes, suas linguagens e seus contextos, bem como valorizar de igual forma as redes que são constituídas para a promoção de uma cultura de paz, com instrumentos do Estado e da sociedade civil. Ambos devem estar em sinergia quando se buscam estratégias para elaborar um planejamento que garanta territórios livres, autônomos e participativos.

Este trabalho, portanto, pode servir como base para outras instituições e poderá ser adaptado à realidade e conjuntura que se encontram, visando sempre contribuir para a redução da violência nos bairros e a ativação de pessoas para atuar como agentes multiplicadores de informações.

# 10

## Glossário

Aqui você encontra o conceito de termos e estratégias que aparecem ao longo deste guia. Alguns são retomados no decorrer dos capítulos, no entanto, consideramos importante ter uma parte em destaque para essas terminologias.

### *Ação de vinculação*

No Grupo AdoleScER, corresponde a intervenções rápidas e singulares na escola ou comunidade para vincular uma temática identificada nesses ambientes com uma possível solução. Elas também podem ser criadas a partir dos temas das formações realizadas com os/as estudantes líderes de opinião. Uma ação de vinculação tem o propósito de tratar um tema de forma lúdica chamando atenção e provocando reflexões nas pessoas que foram alcançadas.

### *Adolescente Multiplicador/a de Informação (AMIN)*

Era a denominação dada aos adolescentes que

participavam das formações do Grupo AdoleScER no início do desenvolvimento dos trabalhos da organização. A partir das formações que recebiam, esses/as jovens iam multiplicar, ou seja, repassar o conhecimento para suas comunidades e meio escolar por meio da Educação entre Pares (EP). Vizinhos/as, colegas de turma, professores/as e direção da escola passavam a receber a multiplicação dos aprendizados através dos AMIN. Ao concluírem o ciclo formativo, alguns AMIN passaram por avaliações e se tornaram apto/as a serem educadores/as sociais.

### *Centro de Escuta*

É um dispositivo desenvolvido a partir da metodologia do

Tratamento Comunitário e utilizado pelo Grupo AdoleScER para acolher casos de sofrimento social, seja no âmbito individual ou coletivo, para serem dados os devidos encaminhamentos e acompanhamentos.

### *Cuidar do Ser*

Elemento que rege qualquer atividade realizada na organização que reforça as relações interpessoais. Esse é o momento de aproximação, acolhimento e quando as pessoas trocam afeto e empatia. Nele, se conhece uns aos outros e há o sentimento de pertencimento a um grupo. Cria-se, assim, a noção de cuidado de cada integrante, ou seja, o Cuidar do Ser.



### *Diário de Campo (DC)*

É o relato da vivência tida pelo/a educador/a em relação a uma atividade específica. No primeiro momento, é relatada de forma mais espontânea a maneira como se deu a atividade. Aqui, o/a narrador/a traz situações, falas e até relatos de violência ocorridos. É importante que o relato não seja feito com julgamentos. No segundo momento do instrumento, colocam-se as percepções de maneira crítica do que foi vivenciado com o intuito de refletir sobre a experiência, descrita com um olhar reflexivo, apontando falhas, sucessos, condutas e estimulando questionamentos sobre a atividade que possam ser úteis para ações futuras. A partir do DC, tem-se elementos para serem preenchidos os formulários dos SiDiEs.

### *Educadores e educadoras sociais*

Toda a equipe que intervém nas comunidades e escolas, inclusive, jovens que participaram do ciclo formativo do Grupo AdoleScER e que vieram das comunidades trabalhadas pela organização. São eles e elas quem desenvolvem as atividades e acompanham os grupos de

líderes (público beneficiário do GA) em suas comunidades.

### *Escuta ativa*

Apesar de se chamar “escuta”, esse processo envolve mais de um sentido para se identificar um caso de sofrimento social. O/a educador/a pode reconhecer uma experiência observando o caso, ouvindo relatos, conversas ou cochichos, sentindo o ambiente, entre outras atribuições que a sensibilidade permite, elemento crucial para essa escuta. No entanto, a ação não se limita a apenas reconhecer os casos, mas intervir sobre eles, ativando encaminhamentos e soluções.

As demandas trazidas pela escuta ativa são levadas à equipe do GA, que, juntamente com os/as estudantes líderes de opinião, organiza estratégias para dar devolutivas. Exemplo: durante uma ação na escola, com o tema “o uso abusivo de drogas”, um educador observou que alguns adolescentes ficavam constrangidos com a ação por fazerem uso de drogas na escola. Posteriormente, a partir de um processo investigativo, foi elaborada uma estratégia para envolver mais esses adolescentes e

entender o contexto em que estão inseridos.

### *Estudantes líderes de opinião*

São adolescentes e jovens com potencial de influenciar as pessoas ao seu redor e que têm o perfil de liderança. Eles e elas participam dos ciclos formativos do GA e desenvolvem ações nas suas escolas e comunidades.

### *Mediação de conflitos*

É uma forma pacífica, por meio do diálogo, para se resolver conflitos. Nela, uma terceira pessoa, imparcial, sem relação com as partes envolvidas e capacitada sobre a técnica da mediação facilita o diálogo entre as partes em conflito para que elas entendam melhor a problemática e busquem soluções criativas, possíveis e justas.

### *Minoria ativa*

“Uma minoria ativa é formada pelos atores e agentes comunitários que desenvolvem atividades e iniciativas de Tratamento Comunitário ou ações sociais depois que a equipe vai embora da comunidade por causa da conclusão do programa ou por outras razões”

(MILANESE, 2012, p. 126). Para o GA, a minoria ativa são os/as estudantes líderes de opinião, professores/as, funcionários/as das escolas, atores e atrizes sociais, lideranças comunitárias e os/as familiares das lideranças.

### *Multiplificação de conhecimentos*

São ações, na escola ou comunidade, protagonizadas pela juventude. Buscam repassar os conhecimentos adquiridos nos processos pedagógicos para vizinhos, vizinhas, colegas de escola e gestão escolar.

### *Projetos de intervenção social*

Os projetos de intervenção social são mais uma estratégia utilizada no GA que incide sobre a realidade comunitária e escolar. Em linhas gerais, são projetos de pequeno porte, porém mais amplos que as ações de vinculação, por exemplo. Abordam temas geradores identificados pelo grupo beneficiário (os/as estudantes líderes de opinião), com estratégias de transformação. Neles são inseridos todos os métodos aprendidos durante os processos formativos e há o protagonismo dos/das

estudantes líderes de opinião, que também se articulam com suas redes.

### *Redes subjetivas*

São redes de contatos, isto é, redes de pessoas que estão ligadas umas às outras — amigos/as, colegas, vizinhos/as, familiares, etc.

### *Representação social*

São crenças, ideias e visões que simplificam a realidade encontrada e nos fazem julgar a partir de estereótipos historicamente construídos.

Para Serge Moscovici, as representações sociais estabelecem a inter-relação entre sujeito e objeto. É a partir dela que acontece a construção do conhecimento, individual e coletivo, na formação das representações. E esse conhecimento é baseado no senso comum. São as representações que sustentam as relações sociais (MOSCOVICI, 1978).

### *SiDiEs*

O Sistema de Diagnóstico Estratégico (SiDiEs) é um sistema de recopilación, sistematização, análise da informação e elaboração da estratégia. Ele contém vários

elementos de conhecimento da comunidade, formando uma espécie de diagnóstico que faz referência a um conjunto de aspectos da vida e da realidade das pessoas nas comunidades. Ou seja, pode-se dizer que é uma forma de interpretar a realidade para pautar ações.

De acordo com Milanese (2012, p. 137), “o SiDiEs é um marco lógico, a construção do pensamento e conhecimento mediante a ação, a ação investigadora e de reflexão que faz emergir o sentido da ação que ilustra a força e suas limitações”.

### *Sofrimento social*

O sofrimento social visibiliza a existência de experiências e processos de “mal estar” da vida social que estão enraizadas nas desigualdades e, por consequência, na justiça ou na falta de acesso a ela (MILANESE, 2012).

### *Tema gerador*

Tema levantado a partir das problemáticas e violências identificadas nas escolas e comunidades. Está intimamente relacionado com o sofrimento social. O adjetivo *gerador* indica que o tema causa algum tipo de reflexão

sobre os problemas de certas pessoas, de um grupo ou de todo o local.

### **Tratamento Comunitário (TC)**

Segundo Efre Milanese, essa é uma metodologia que agrega um conjunto de ações, instrumentos, práticas e conceitos, considerando os/as diversos/as atores/ atrizes sociais, em uma proposta inclusiva que coloca a comunidade como elemento fundamental nesse processo de ativação dos/ das indivíduos/as e grupos. A finalidade do TC é a melhoria da qualidade de vida e o empoderamento pessoal e político de pessoas em situação de exclusão, assim como de suas comunidades, contribuindo para a transformação social.

### **Visitas de aproximação escolar**

São encontros com a gestão escolar para articular ações, conhecer melhor as dinâmicas escolares e fortalecer os laços com a escola. Os/as educadores/as articulam esses encontros de forma periódica, estratégica, para sempre manter vivo o envolvimento da escola com a organização.

Essas visitas também podem acontecer fora do contexto escolar, em outros espaços parceiros e redes.

### **Zona de Orientação Escolar (ZOE)**

A Zona de Orientação Escolar (ZOE) é um dispositivo da metodologia do Tratamento Comunitário que diagnostica problemas na escola, por meio da escuta ativa, da acolhida, do acompanhamento, da assistência, da atenção e elabora intervenções com o intuito de fortalecer a comunidade educativa e suas redes. Ela vem para prevenir os riscos de exclusão social de pessoas em situação de vulnerabilidade, trabalhando também a prevenção de danos nas suas famílias e comunidades. Seu objetivo, enfim, é a melhoria da qualidade de vida de grupos socialmente excluídos.

# 11

## Referências

ABRIC, J-C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

BARBOSA, Ricardo. **Monitoramento e avaliação de projetos sociais**. Porto Alegre: PGDR-UFRGS/ASCAR-Emater. Trabalho de conclusão do curso de Especialização em desenvolvimento rural e agroecologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em: <[http://www.emater.tche.br/site/arquivos\\_pdf/teses/mono\\_ricardo\\_barbosa.pdf](http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/mono_ricardo_barbosa.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2017.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: sexualidades e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002217/221728por.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.

CONSTRUINDO PONTES EM PMA. Países Baixos: ICCO, 1996-1999. Disponível em: <[http://pad.org.br/sites/default/files3/sites/default/files/18\\_construindo%20pontes%20em%20pma.pdf](http://pad.org.br/sites/default/files3/sites/default/files/18_construindo%20pontes%20em%20pma.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2017.

CORPORACIÓN VIVIENDO. **Centro de escucha**. Tradução nossa. Disponível em <<http://corporacionviviendo.org/centro-de-escucha/>>. Acesso em 22 set. 2017.

FERGUSON, Susana. **Acciones para la construccion del conocimiento y de la representacion social de la comunidad**. 2015. Disponível em: <<https://prezi.com/xbpccnwxylb5/sidies-pasos/>>. Acesso em: 18 set. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MILANESE, Efre. **Tratamento Comunitário: Manual de trabalho, conceitos e práticas**. 2 ed. São Paulo: Instituto Empodera, 2012.



MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SAMPAIO, Lia; CASTALDI, Regina; BRAGA NETO, Adolfo. **O que é mediação de conflitos?**. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SHAPIRO, Janet; Civicus. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12466756/monitoramento-e-avaliacao-civicus/47>>. Acesso em: 22 set. 2017.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte Furquim. **Um modo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

UNESCO. **Guia para monitoramento e avaliação de projetos baseados em comunidades**. 2010. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001862/186231por.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2017.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas: Autores Associados, 2001.

GNEZDA, Nicole M. "Cognition and Emotions in the Creative Process" in: **ArtEducation**, Jan 2011, 64, 1. ? pp.47–52. (ON LINE). Acesso em: 8 mai. 2011.